

Da cidade e do urbano

experiências, sensibilidades, projetos

Stella Bresciani



 alameda

Copyright © 2018 Maria Stella Martins Bresciani

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Haroldo Ceravolo Sereza

Editora assistente: Danielly de Jesus Teles

Projeto gráfico e diagramação: Emerson Dylan

Capa: Mari Rá Chacon

Assistente acadêmica: Bruna Marques

Revisão: Alexandra Colontini

Imagens da capa: Foto de Fernanda Goulart, acervo *Urbano Ornamento*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B849d

Bresciani, Maria Stella Martins

Da cidade e do urbano : experiências, sensibilidades, projetos / Maria Stella Bresciani ; organização Josianne Cerasoli , Marcia Naxara , Rodrigo de Faria. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2018.

23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7939-559-8

1. Urbanismo. 2. Planejamento urbano. 3. Planejamento urbano - Aspectos ambientais. I. Cerasoli, Josianne. II. Naxara, Marcia. III. Faria, Rodrigo de. IV. Título.

18-51505

CDD: 711.4

CDU: 711.4

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua 13 de Maio, 353 – Bela Vista

CEP 01327-000 – São Paulo, SP

Tel. (11) 3012-2403

www.alamedaeditorial.com.br

METRÓPOLES:^{*}

as faces do monstro urbano

Rise up, thou monstrous ant-hill on the plain
of a too busy world! Before me flow,
Thou endless stream of men and moving things!
Thy every-day appearance, as it strikes —
With wonder heightened, or sublimed by awe —
On strangers of all ages, the quick dance
Of colours lights and forms; the deafening din;
The comers and the goers face to face,
Face after face; the string of dazzling wares,
Shop after shop, with symbols, blazoned names,
And all the tradesman's honours overhead.

Wordsworth, *Prelude*, 1799-1805¹

* Este artigo foi publicado na *Revista Brasileira de História* (5) nº8/9, São Paulo: ANPUH/Ed.Marco Zero, set.1984/abr.1985, p.35-68; foi revisto e significativamente ampliado pela autora para a coletânea. Traduções do inglês e francês pela autora.

1 Levanta-te, tu formigueiro monstruoso na planície
De um mundo muito atarefado! Perante mim, flui,
Tu! Corrente sem fim de homens e coisas em movimento!
Tua aparência diária deslumbra —
Pelo seu fascínio magnífico ou pelo seu sublime terror —
Os estranhos de todas as idades; a dança rápida
De cores, luzes e formas; o barulho ensurdecador;
Os que vêm e os que vão, face a face,
Face após face; o cordão de mercadorias cintilantes,

Para além do impacto da força emocional, presente na retórica poética e literária dos textos dos homens cultos do século XIX, pode-se perceber os delineamentos de uma nova sensibilidade. Convencidos de viverem no limiar de uma “nova era”, prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado, esses homens se lançaram na empresa de anotar em seus escritos os sinais visíveis dessa novidade de dimensões desconhecidas e assustadoras. A sensação de desenraizamento vem acompanhada da perda da identidade social e de formas de orientação multiseculares, e reiteradamente desenha a imagem de uma crise de proporção e conteúdo inéditos. Sem dúvida, os termos desarraigado e desenraizado falam do homem arrancado de sua relação íntima com a natureza ou com costumes em aparência tão imutáveis quanto ela; paradoxalmente contudo apontam para a nova condição humana que subjuga a rude natureza. Atribuía-se aos engenhos astuciosos fabricados pelos homens — as máquinas com seus mecanismos regulares e incansáveis — a vitória na guerra contra forças antes consideradas incontrolláveis. A máquina expressou, simbólica e materialmente, essa vitória que lograra emancipar o ser humano do limitado destino que o prendia aos constrangimentos do mundo físico. À máquina o século XIX conferiu-se o poder transformador e produtor da abundância e nela apostou como possibilidade não muito remota de superação do reino da necessidade; superação da previsão pessimista de Malthus, na qual a sociedade estaria sempre às voltas com a escassez de recursos para manter o crescimento ilimitado do gênero humano. Contudo, à máquina também foi conferido o poder transformador da *estrutura social* (ou na expressão inglesa *the fabric of society*), o que implicou em colocar em algo exterior ao próprio homem a potência movimentadora do novo *sistema social* (*social system*).²

Máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo. O estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de submeter sua vida a imperativos exteriores e transcendentos, embora por ele mesmo estabelecidos. Do céu à terra, dos desígnios divinos às determinações do meio físico e social, o homem abandona os dogmas para abraçar as leis inscritas na natureza. Registros de perdas e de imposições violentas encontram-se nos escritos de homens que se auto-representaram contemporâneos de um ato inaugural. É a

Loja após loja, com símbolos, nomes brasonados,
E todas as honras do comerciante enaltecidas.

Wordsworth, William. (1801) *The Prelude*. Book seventh. Residence in London In *The Complete Poetical Works*. Londres: Macmillan and Co., 1888. 1999, p. 150. www.bartleby.com/145/. p. 150; O trecho consta em G. Robert STANGE. The Frightened Poets In DYOS, James e WOLFF, Michael. *Victorian City. Images and Realities*, Londres: Routledge Kegan Paul, 1973, p. 477.

2 CARLYLE, Thomas (1829). Signs of the Times In *Thomas Carlyle - Selected Writings*. Harmondsworth: Penguin, 1980, p. 64-66.

constituição de uma nova sensibilidade mais condizente com esse novo mundo que procuro acompanhar nessa entrada exploratória das representações de uma parcela do mundo do século XIX, na certeza de que se considera a máquina já emancipada do seu criador, e mais, que essa emancipação se expressa na aceitação de uma lógica interna ao próprio progresso técnico. Raciocínio que repõe sem dúvida a insólita experiência vivida pelo homem quando considerou a si mesmo, por sua astúcia, vitorioso sobre a natureza.

Para adentrar os meandros dessa nova sensibilidade em formação decidi percorrer alguns textos, onde literatos, médicos, advogados, filósofos, filantropos, estadistas, em suma, o homem letrado em geral, expuseram sentimentos de perdas diversas e de viverem situações paradoxais. Registros semelhantes também encontrei em depoimentos de trabalhadores rurais e fabris, de vendedores ambulantes, artistas de rua, enfim, de toda a grande parcela da população que subsiste por meio do trabalho de suas mãos.

Registros de mudanças profundas e do impacto da colisão dos elementos novos com as velhas e gastas estruturas da sociedade como disse Carlyle:

As cabeças pensantes de todas as nações pedem mudanças. Há um conflito profundo no tecido da sociedade; uma colisão triturante e infinita do Novo com o Antigo

Th. Carlyle, *Signs of the times*, 1929. [Tradução da autora]³

Registro de perdas. Entre elas, e talvez a mais desnorteadora fica por conta da mudança da representação do tempo regido pela natureza e relacionado com as tarefas cíclicas e rotineiras do trabalho. Com ela se desfaz o ajuste entre o ritmo do mundo físico e as atividades humanas; se desfaz a relação imediata, natural e inteligível de compulsão da natureza sobre o homem.

Essa perda implica a imposição de uma nova concepção do tempo: abstrato, linear, uniformemente dividido por uma convenção sugerida pela medida do valor relacionado à atividade do comerciante e às longas distâncias. Tempo a ser produtivamente aplicado, que se define como tempo do patrão — tempo

3 "The thinking minds of all nations call for change. There is a deep-lying struggle in the whole fabric of society; a boundless grinding collision of the New with the Old." CARLYLE, Thomas. *Signs of the times*. *Op. cit.*, p. 84

do trabalho, cuja representação, embora obra do intelecto humano, parece ter sua lógica própria, exterior ao homem que subjuga. Delineia-se uma primeira exterioridade substantivada no relógio, ao mesmo tempo artefato e mercadoria.⁴

Noção de tempo aparentada à antiga noção grega de *chronos*, esse tempo que nos separa da morte, devorador da vida e, portanto, tão monstruoso como seu homônimo, o cruel deus *Kronos*.

Nas atividades do trabalho o registro de outras perdas. A íntima relação do homem com suas condições de produção e com sua finalidade, definida pelas limitadas necessidades humanas, cinde-se numa dupla exterioridade: de extensões inorgânicas de seu corpo orgânico, as ferramentas ganham autonomia materializando-se na máquina, vale dizer, torna dispensável a arte de suas mãos; de finalidade da produção, o homem passa a ser uma das engrenagens de um processo que objetiva agora repor a própria produção. O trabalhador despojado das condições objetivas do trabalho — instrumentos, matéria prima e domínio da arte — é reduzido à mera subjetividade, à força de trabalho, uma mercadoria a ser vendida no mercado.⁵

Os sistemas de trabalho baseados em relações pessoais de aprendizado e de dependência se desfazem substituídos pela impessoalidade das relações do mercado. O vínculo entre o mestre-artesão e seu aprendiz, certeza de trabalho, aquisição de destreza específica e de identidade profissional rompe-se; a relação patrão-operário se estabelece sobre um vínculo mercantil coroada pela representação que coloca em uma instância exterior ao homem — a lei da oferta e da procura inscrita na natureza das relações humanas — que de produto da atividade intelectual passa a ser aceita como princípio férreo de ordenação do social.⁶

4 Sobre as modificações na percepção do tempo consultar THOMPSON, E.P. (1967) *Tiempo, Disciplina de Trabajo y Capitalismo Industrial*. In *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Crítica, 1979; Jacques LE GOFF, *Le temps du travail dans la "crise" du XIV^e. Siècle: du temps médiéval au temps modern; e Au Moyen Age: Temps de l'Église et temps du marchand*. *Pour un autre Moyen Age*. Paris: Gallimard, 1977.

5 Sobre os vários pressupostos para que o capital encontre o trabalhador livre no mercado, ver MARX, Karl (1859). *Formaciones Economicas Precapitalistas*. Córdoba, *Cuadernos Pasado y Presente*, nº 20, 1974.

6 Para a dissolução de antigas formas de produção, ver MARX, Karl. *Formaciones Economicas Precapitalistas*. *Op. cit.* e MARX, Karl (1867) *O Capital*. Livro I: O processo de produção do capital caps. XIII "A cooperação", XIV "A divisão do trabalho e a manufatura" e XV "O maquinismo e a grande indústria"; também THOMPSON, E. P. (1963,1968) *La Formación Histórica de la Clase Obrera*. Trad. Angel Abad. Barcelona: Laia, 1977, vol. 2, cap. 8, edição brasileira *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Tradução Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. 2, cap. 7; sobre a tendência das relações humanas atingirem a harmonia, pois livres de injunções das corporações de ofício em, SMITH, Adam (1876). *A riqueza das nações*. Trad. Luiz João Baraúna. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Ainda uma perda: o homem, em especial o trabalhador fabril e urbano, é arrancado dos vilarejos e impelido a levar uma vida outra nas cidades. Perda do habitat tradicional, onde se conjuga o trabalho artesanal com o labor dos campos, onde o trabalho era empresa da família e a vida não se via dividida entre o tempo do patrão e lugar do trabalho e tempo de descanso e lugar de morar.⁷

O registro de cada uma dessas perdas se fez presente no decorrer de três séculos pelo menos e culmina nos inícios do século XIX na percepção de que o homem ao sobrepujar a natureza havia caído na armadilha de sua própria astúcia, via-se aprisionado pelos seus próprios dogmas racionais. A cidade moderna representa o momento culminante dessa trajetória e define-se como o lugar onde se acumulam homens despojados de parte de sua humanidade; em suma, lugar onde a subordinação da vida a imperativos exteriores ao homem se encontra levada às últimas consequências. Fascínio e medo: a cidade configura o lugar por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história; ela materializa o domínio da natureza pelo homem e as condições artificiais, porque fabricadas, de vida.

Importa também sublinhar o vínculo entre o conjunto dessas perdas e a elaboração intelectual da distância entre o homem e seus semelhantes; forma-se a noção de sujeito de conhecimento capaz de estabelecer um distanciamento considerado necessário para a observação objetiva e a avaliação sistemática do que passa a ser designado por sociedade. A relação de exterioridade, corrente na avaliação da natureza, estende-se, no século XIX, como experiência de conhecimento, para as relações entre os homens. O olhar analítico e classificador procura imobilizar em momentos sucessivos de avaliação tudo o que vê e que deve estar em constante movimento. O fluxo ininterrupto dos homens no trabalho, deslocando-se pelas ruas ou ocasionalmente fora do trabalho, a presença incômoda daqueles que tiram seu sustento trabalhando nas ruas, ou que vagam recusando-se a trabalhar, muitas vezes mantendo-se por meio de expedientes pouco confessáveis: tudo é submetido a esse olhar avaliador.

A cidade se constitui em observatório privilegiado da diversidade; lugar estratégico para se apreender o sentido das transformações, num primeiro passo, e logo em seguida, à semelhança de um laboratório, para que se definam e se apliquem estratégias de controle e de intervenção. Espaço finito e administrável. Não por acaso, afirma Storch, à frase de Victor Hugo: "A França observa Paris e Paris observa

7 Cf. THOMPSON, Edward. P. *La formación histórica de la clase obrera*. Op. cit. p. 239-293.

o faubourg Saint Antoine”, corresponde o axioma da polícia londrina: “Guarda-se Saint James vigiando-se Saint Giles”.⁸

Nos dois casos, os objetos de constante vigilância são os bairros operários cujo potencial de revolta é considerado mais ameaçador, onde os sinais da revolução podem ser detectados. Nesses anos cinquenta do século XX, tinha-se já formulado um quadro conceitual que, recolhendo inúmeras experiências de investigação da nova sociedade, permitia distinguir na diversidade aparente duas entidades distintas e antagônicas. É parte dessa nova sensibilidade a expressão “Duas Nações”, cunhada por Disraeli para falar do abismo existente entre ricos/“civilizados” e pobres/“selvagens”.⁹ Descontado o apelo emocional, a expressão possui uma força explicativa plástica, pois remete imediatamente para a imagem da sociedade cindida em duas partes irreconciliáveis, com identidades próprias e diferenciadas.

Urbe et orbis

The thinking minds of all nations call for change. There is a deep-lying struggle in the whole fabric of society; a boundless grinding collision of the New with the Old. [...] We were wise indeed, could we discern truly the signs of our own time; and by knowledge of its wants and advantages, wisely adjust our own position on it. Let us, instead of gazing idly into the obscure distance, look calmly around us, for a little, on the perplexed scene where we stand.

Th. Carlyle, *Signs of the Times*, 1829.¹⁰

8 Cf. STORCH, Robert. The plague of the Blue Locusts, *International Review of Social History*, vol. XX. 1975, Van Gorcum, p. 61.

9 Disraeli retomou o tema “Condition of England Question” proposto por Carlyle em *Chartism* (1839) e retomou-o em *Sybil, or the Two Nations* (1845) para expor a profunda divisão do país e os contrastes entre o luxo aristocrático e a extrema pobreza do trabalhador. Oxford: Oxford University Press, 1998 – Diniejko, Andrzej. *The Victorian Web*. Literature, history, & culture in the age of Victoria. Disponível em: www.victorianweb.org. Acesso em: 12 dez. 2016.

10 As cabeças pensantes de todas as nações pedem mudanças. Há um conflito profundo no tecido da sociedade; uma colisão triturante e infinita do Novo com o Antigo. [...] Seríamos sábios, certamente, se pudéssemos discernir com exatidão os sinais de nosso próprio tempo e por meio do conhecimento de suas necessidades e vantagens, sabiamente, ajustarmos-nos a eles. Ao invés de fixar nosso olhar distraído na distância obscura, devemos, por um momento, olhar tranquilamente em torno de nós, para o espetáculo desconcertante do qual participamos. CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 63, 84.

Embora Carlyle procure definir com um conceito amplo — uma crise — o momento em que vive, não deixa de registrar de maneira clara a assustadora dimensão e o ineditismo do conflito. Uma crise a mais na longa história da velha Inglaterra, uma situação de pânico semelhante a um sonho assustador, uma repetição do Estado em perigo vivido pelos ingleses uma centena de vezes: essas denominações atenuantes aumentam a ênfase dada à perplexidade indescritível de seus contemporâneos perante reformulações legais, tais como o *Test and Corporation Acts* de 1828 e o *Roman Catholic Relief Act* de 1829. Eram verdadeiros acontecimentos inéditos na história nem tão recente da Inglaterra, decretos que levantavam antigos impedimentos e reconheciam a liberdade de consciência de protestantes dissidentes e de católicos, facultando-lhes a participação na vida pública do país. Em outras palavras, removiam-se dessa maneira “coisas que pareciam fixas e imutáveis, tão profundas como as fundações do mundo”.¹¹

Carlyle segue sua própria determinação e busca identificar o princípio explicativo da época em que vive o localiza na máquina, ou mais precisamente, no significado explícito e implícito da palavra maquinismo. Sua argumentação trabalha sobre paradoxos. Assim, o aumento do poder físico da humanidade acrescera em muito as possibilidades de produzir bens, mas destruíra de forma irrecuperável o antigo edifício social. O quadro resultante da introdução dos princípios da mecânica na vida dos homens, assustador pelo ineditismo e profundidade do conflito causado, mostrava pessoas incapazes de darem conta do que ocorria à sua volta por estarem com as mãos e mentes atadas ao caráter mecânico da época.¹²

Avaliação compartilhada por muitos contemporâneos seus que, como ele, estabeleceram um elo significativo entre duas forças transformadoras formidáveis: a máquina e a Revolução Francesa de 1789. A imagem de grandiosidade do movimento revolucionário na França é elaborada com a figura das multidões das ruas e de seu poder de destruição no momento mais radical do processo revolucionário; a simples referência ao Terror, aos anos sanguinários, projetava a possibilidade futura de uma repetição do acontecimento em outros países e em proporções ainda mais incontroláveis. A imagem da máquina desfazendo o antigo edifício social é solidária à da revolução; as duas contribuirão no decorrer do século XIX para conferir apelo emocional à representação paradigmática da modernidade. No centro dessa representação, as noções de fragmentação, efêmero e caos se unem à experiência de tempo, espaço e causalidade transitórios, fortuitos e arbitrários, em meio à qual se forma a sensibilidade do homem moderno.

11 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p.62.

12 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 61-65.

Bastante significativa é a seguinte passagem de Carlyle em sua análise do Cartismo, onde sugere enfaticamente o deslocamento dos temas que sensibilizam a criação poética:

Manchester, com seus fiapos de algodão, sua fumaça e poeira, seu tumulto e pobreza conflituosa, parece-lhe medonha? Não pense assim; uma substância preciosa, bela como sonhos mágicos e, contudo, não sonho mas realidade, permanece escondida em meio a esse embrulho barulhento (...) O grande Goethe, me contaram, vendo os cotonifícios da Suíça, declarou ser de todas as coisas que havia visto no mundo, a mais poética.¹³

Anos mais tarde, um intelectual francês registra impacto semelhante ao falar de Londres, cidade sem horizonte, onde o *fog* impede durante boa parte do ano a visão nítida de coisas bastante próximas, que o impressiona pelo eterno cinza de seu céu, a chuva fina constante, a lama que cobre as vias públicas, a desolação das ruas vazias aos domingos. Hippolyte Taine anota, no decorrer de cinquenta páginas, suas impressões da cidade e de sua população antes de organizar de maneira sistemática os tipos humanos, as instituições, a economia, o espírito, os usos e costumes dos ingleses.¹⁴ Como Engels, alguns anos antes, cujas primeiras anotações falam do tumulto impressionante do percurso do estuário do rio Tâmis até a Babel do porto de Londres. “Eis lá certamente,” diz Taine “um dos grandes espetáculos do nosso planeta”; e recorre a uma figura do imaginário europeu sobre o exotismo oriental para estabelecer um termo de comparação com “o amontoado semelhante de construções, de homens de navios e de negócios. Seria necessário ir à China”. A descrição do movimento do rio assume os contornos da estética do Sublime:

Entretanto, no rio, pelo lado do ocidente, ergue-se uma floresta inextricável de vergas, mastros e cordames: são navios que chegam, partem ou estacionam, de início em grupos, em seguida em longas filas, depois num amontoado contínuo, presos, misturados às chaminés das casas e às polias dos armazéns, com todo o equipamento do trabalho incessante, regular, gigantesco. Uma fumaça brumosa, cortada pela luz, os envolve; (...) Aqui, nada é natural; tudo é transformado, violentado, a começar pelo solo e pelo homem, chegando à luz e ao ar. Contudo, a enormidade do amontoado e da criação humana impede que se pense sobre esta deformação e este artifício, na falta da beleza nobre e sã, resta a vida formigante e grandiosa; o brilho das ondas, a dispersão da luz aprisionada pelo vapor, as suaves cores esbranquiça-

13 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, 1980, p.63

14 TAINE, Hippolyte (1871). *Notes sur l'Angleterre*. Paris: Hachette, 5ª Ed. 1876 revista e corrigida.

das ou róseas que se depositam sobre todos esses colossos, despejam uma espécie de graça sobre a cidade monstruosa; algo assemelhado a um sorriso sobre a face de ciclope eriçado e escurecido.¹⁵

Taine conclui que “findo o assombro resta o desânimo”. Ou pior ainda, após, uma hora de caminhada pelas ruas desoladas do domingo londrino o *spleen* toma conta do transeunte que chega a pensar em suicídio. É bem verdade que nosso viandante sente-se acabrunhado pelas constantes comparações feitas com os alegres e barulhentos domingos parisienses. Na sóbria e puritana Inglaterra as imagens inesperadas e contrastantes têm mais impacto sobre os sentidos e a imaginação. Para o viajante, os olhos se afligem com o véu de bruma densa, com a confusão da mistura de estilos arquitetônicos — “colunatas, peristilos, ornamentos gregos, molduras e guirlandas das casas, tudo com as marcas leprosas da umidade”. O clima londrino deposita manchas lúgubres e destrói as pedras dos edifícios, apaga os contornos e desfaz as fisionomias dos monumentos e estátuas. “Pobre arquitetura antiga, que faz ela aqui neste clima? (...) estas estátuas nuas lembrando a Grécia! Este Wellington como guerreiro em combate, nu sob as árvores gotejantes do parque! (...) Toda forma, toda ideia clássica é aqui um contrassenso”.¹⁶

Em sua avaliação crítica do gosto pouco refinado dos ingleses e inglesas Taine abre ao leitor não só o terreno das comparações e dos contrastes entre diferentes países mas também a teoria da influência do clima sobre o físico e o espírito das pessoas. Ele anota a sensibilidade diversa dos habitantes dessa ilha brumosa, onde “a alma se retira do exterior e volta-se sobre si mesma; aí faz um mundo”. Compreende-se assim, que o homem de posses faça da sua casa um estojo que o proteja dos constrangimentos constantes das atividades profissionais numa sociedade baseada na concorrência:

Aqui é necessário ter um “home” bem cuidado, bem organizado, clubes, associações, muitos afazeres, grande quantidade de preocupações religiosas e morais; se faz necessário sobretudo não se deixar levar pelas impressões do exterior, fechar a porta às tristes sugestões da natureza hostil, preencher o grande vazio onde se alojaria a melancolia e o tédio.¹⁷

15 TAINÉ, Hippolyte. *Op. cit.*, p. 8.

16 TAINÉ, Hippolyte. *Op. cit.*, p. 11-12.

17 TAINÉ, Hippolyte. *Op. cit.*, p.12.

A relação entre o clima e a subjetividade específica da população é retomada em vários momentos de seu livro na comparação pedagógica da diversidade das culturas enquanto expressão material do perfil psicológico particular à cada povo. A imaginação marcada pelo impacto das impressões fortes forma um fundo comum que determina um elenco de possibilidades das quais não se escapa. O que fazer do dia de repouso, o domingo, num clima como o da Inglaterra, senão escolher entre a igreja e o cabaré, o sermão e a embriaguês, o aturdimento ou a reflexão? Taine anota em suas peregrinações dominicais que a burguesia rica optava pelo alimento moral dos sermões, enquanto as pessoas do povo acorriam aos bares. A mesma polarização se repõe nos bairros onde a extensão da miséria é proporcional à enormidade da riqueza: nos seus bairros, os burgueses se excedem na construção de moradias de todos os estilos — gótico, grego, renascença, com todas as misturas e gradações do estilo — sempre cercadas de gramados e árvores; nos bairros pobres o impacto vem da visão de casas pequenas e baixas que se entrecruzam em todos os sentidos nas ruas irregulares, impacto acrescido pela presença da multidão de pessoas de faces marcadas pelos maus tratos e bebida, pelas crianças cobertas de farrapos, pelas prostitutas, “tal como um esgoto humano”.¹⁸

Acredito que a noção estético-filosófica do “sublime” possa traduzir em termos racionais a experiência emocional e estética de homens que conviveram com as imagens portentosas da mecanização e da revolução. Esta noção foi utilizada em meados do século XVIII por Edmund Burke para traduzir o valor estético da emoção causada pelo impacto de tudo o que ultrapassa a capacidade racional do cérebro humano. Em sua *A Philosophical Enquire into the origin of our ideas of the Sublime and Beautiful*, Burke coloca a possibilidade de apreensão pela razão desta “paixão-terror” produzida por sensações múltiplas que ultrapassam toda experiência individual anterior¹⁹. Nesse sentido, acolhemos a proposta de Nicolas Taylor em seu estudo sobre as cidades vitorianas, estendendo-a para além da expressão estética e arquitetônica das majestosas e desconcertantes edificações burguesas.²⁰

A noção do Sublime intervém como filtro redutor dos violentos efeitos ocasionados por um forte impacto emocional. Com este sentido poderia se contrapor à

18 TAINÉ, Hippolyte. *Op. cit.*, p.12-16.

19 BURKE, Edmund. (1756) *A Philosophical Enquire into the origin of our ideas of the Sublime and Beautiful in The works of Edmund Burke*. Vol. I, Londers: G. Bell & Sons, Ltd., 1913, p. 49-181. Edição brasileira: *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Ed. Unicamp/Papirus, 1993.

20 TAYLOR, Nicolas. *The Awful Sublimity of the Victorian City*. DYOS, J. e WOLFF, M. *Op. cit.*, vol. 2, p. 431-447.

racionalidade simétrica do belo, apoiada na tradução arquitetônica ou artística das medidas antropométricas de um ser humano idealizado, mas também na concepção crítica desse padrão de simetria, adotada por Burke quando contradiz o pressuposto das proporções com exemplos da sensação do belo produzida por vegetais e animais, e cita a rosa e seu fino cabo e as flores da laranjeira, tão pequenas florindo em uma árvore grande.²¹ Também ao sublime se poderia contrapor o tranquilizador pitoresco emocional das paisagens campestres e dos bairros suburbanos onde homens e natureza se combinam em harmonia.²² A nova sensibilidade estética buscava dar conta exatamente do impacto emocional do inesperado, porque inédito, daquilo que, nas palavras de Burke, fosse capaz de produzir a mais forte emoção que o cérebro humano pudesse suportar. Ou seja, frente ao sublime a mente se vê tão tomada pelo objeto de sua emoção que nada mais aí tem lugar, nem conseqüentemente pode raciocinar sobre o objeto de tal emoção. Daí, explica Burke, decorre o “grande poder do sublime, que longe de ser o resultado de nosso raciocínio, o antecipa e nos assalta com sua força irresistível”²³.

A noção do sublime refere-se, pois, ao trato com “tudo o que de alguma maneira fosse terrível (...) ou operasse de forma análoga ao terror, essa fonte do sublime”, e proporciona dessa maneira uma base emocional para as experiências estéticas de teor fortemente emocional. Sublime é tudo o que, por reunir uma série de qualidades particulares atuava sobre a parte mais sensível do cérebro, a imaginação. A particularidade dessa experiência consistia em provocar uma série de sensações extremamente fortes: *perplexidade* — este estado da alma no qual todos os movimentos encontram-se suspensos devido a certo grau de horror; *terror* — causado por cenas que parecem terríveis ao olhar; *obscuridade* — esse véu que tolhe o conhecimento da verdadeira extensão do perigo e impede que se eliminem as apreensões; *poder* — esse congraçamento das ideias de força, violência, dor e terror que assaltam nossa mente dando o caráter sublime ao poder; *privação* — essa sensação de vacuidade, escuridão, solidão e silêncio; *inesperado* — algo que causa tremor por irromper ou cessar sem aviso; *imensidão* — a grandeza da dimensão na arquitetura, seja em altura, comprimento ou profundidade, causa poderosa do sublime; *infinitude* — o olhar impedido de distinguir os limites das coisas atribui a elas uma dimensão infinita; *seriação e uniformidade* — essa progressão ininterrupta que permite a objetos finitos darem a falsa impressão de infinitude; *magnificência e dificuldade* — a dimensão

21 BURKE, Edmund. A Philosophical Enquire. *Op. cit.*, p. 114-116.

22 TAYLOR, Nicolas. *Op. cit.*, vol. 2, p. 433.

23 BURKE, Edmund. A Philosophical Enquire. *Op. cit.*, p. 88.

desencontrada com suas finalidades, a profusão de coisas esplêndidas e valiosas e/ou a aparente desordem em que se encontram, os imensos trabalhos requeridos para a realização de uma obra; o *jogo de luzes* — não a iluminação comum, mas algo que transite rapidamente da intensa claridade para a escuridão.²⁴

Sem dúvida, a experiência estética do sublime foi proporcionada, no campo dos artefatos, pelas máquinas, fábricas, lojas, armazéns, viadutos, usinas geradoras de gás, asilos de loucos, prisões, estações ferroviárias, túneis e pela monótona uniformidade das extensas séries de casas construídas para os trabalhadores. Por outro lado, a experiência estética do sublime esteve igualmente vinculada ao imenso poder transformador do homem, à potência destrutiva das multidões em movimento, ao tráfego contínuo de veículos, aos bairros operários e aos canteiros de construção das grandes obras públicas.

Em suma, pode-se dizer que essa experiência estética faz parte, nas grandes cidades, da vida cotidiana do homem moderno sem com isso perder seu impacto assustador. Submetido a fortes emoções ou pressentindo sua ocorrência, o homem não encontra meios de preparar-se para apará-la por meio de mecanismos racionais; a racionalidade da experiência estética vivida se dá *a posteriori*.

Os arquitetos que projetaram em cidades inglesas edifícios como o do Banco da Inglaterra, do *City of London Coal Exchange*, da sala de leitura do Museu Britânico, da enfermaria do Hospital de Chelsea, entre outros, não tiveram a intenção de provocar em quem os via a evocação bucólica dos campos ingleses ou a harmonia de proporções entre o homem e suas obras. O aspecto majestoso dessas construções, bastante diversas em suas formas e materiais, reunindo com frequência estilos de épocas e lugares diferentes, sugeria primordialmente o poder da burguesia, algo que deveria parecer inesperado, grandioso, infinito e esmagador.

A longa sequência de arcos da estação londrina de St. Pancras ou a muralha de uma das fábricas de carruagens da cidade de Bristol, ou ainda, as numerosas janelas e colunatas de hotéis de luxo e apartamentos caros de certos bairros londrinos, proporcionavam uma sensação de infinitude semelhante à produzida pelas imensas arcadas envidraçadas do Palácio de Cristal, construído em 1851, para a *Grande Exposição de Produtos Industriais de Todas as Nações*. O mesmo impacto atingia o olhar das pessoas que se deparassem com as grandes avenidas em perspectiva, os “*percements*” do prefeito de Paris Haussmann.²⁵ Afinal, a visão de uma cidade aberta,

24 BURKE, Edmund. *A Philosophical Enquire*. *Op. cit.*, p. 88-112; TAYLOR, Nicholas. *Op. cit.* p. 435-436.

25 *Percements* – as reformas executadas por Haussmann, prefeito de Paris entre 1853 e 1870, sob Luis

expondo suas entranhas (*éventrée*, na designação francesa) oferecia-se como experiência estética até então desconhecida. Contudo, construções menores, às vezes mínimas, poderiam causar o mesmo impacto: o sentimento de infinitude era induzido também pelo impacto das escuras e monótonas repetições de fachadas idênticas de casas iguais destinadas à anônima população dos trabalhadores urbanos. Nelas, a tonalidade escura do material de construção e o severo despojamento de suas paredes pesadas causavam um sentimento aproximado ao produzido pelos maciços muros de prisões; aqui, a infinitude material simbolizava a impossível libertação das cadeias do trabalho cotidiano, o jugo das leis do mercado e as determinações da nova sociedade.

Apesar do aspecto grotesco, quase sempre presente na maioria das construções sublimes, não se pode negar, afirma Taylor, que o ecletismo no estilo, a profusão de objetos díspares — colunas, arcadas, rotundas, recortes, nichos, divisões internas e externas sem função aparente, gradeados de ferro retorcendo-se sempre no mesmo desenho e luzes em quantidade suficiente para ocasionar um forte contraste entre o claro e o sombrio — produziram sobre as pessoas uma sensação de perplexidade devota. Essas construções feitas para abrigar multidões constituíram o cenário perfeito para o espetáculo das compras e dos cultos religiosos²⁶. Fascínio, espanto, temor e devoção: sentimentos solidários expressando o reconhecimento do poder assustador das máquinas, do dinheiro e da tecnologia; de Deus e do Homem.²⁷

Presentes em muitas capitais e grandes cidades europeias, essas construções majestosas fincaram-se na paisagem urbana como marcos do poderio burguês. Hobsbawm, ao fazer uma avaliação do mundo capitalista do século XIX, afirmou ter sido a arquitetura burguesa “uma linguagem de símbolos sociais”, a expressão da sua autoconfiança manifesta em edificações cuja dimensão extraordinária nada tinha a ver com a finalidade a que se destinavam. As milhares de libras esterlinas gastas em prédios que acolheriam um grande número de pessoas proclamavam a riqueza e o poderio das cidades.²⁸ O sublime poder do dinheiro aliado ao da tecnologia introduzia, pela primeira vez na arquitetura, materiais artificiais e produzidos em fábricas: o ferro e o vidro. “Fomos salvos de uma medonha e dispendiosa quantidade de tijolos

Napoleão Bonaparte, levaram a aberturas de ruas e avenidas que obrigaram a demolir ou demolir parte (perfurar) quadras. Daí o uso da palavra francesa perfurações.

26 As descrições constam do artigo de TAYLOR, Nicholas. *Op. cit.*, vol. 2, p. 431-447.

27 CARLYLE, Thomas. Signs of the Times. *Op. cit.*, p.64-65.

28 HOBBSAWM, Eric. (1975) *A Era do Capital*. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Caps. 13, 14 e 15.

e argamassa; em seu lugar temos uma obra graciosa e bonita”, observou um cronista referindo-se ao Palácio de Cristal.²⁹ A confiança no caráter duradouro da indústria e do comércio orientou a edificação desses templos da produção e da mercadoria.

Em Paris, diz Walter Benjamin, a conjuntura favorável do comércio de tecidos proporcionou a multiplicação das galerias e passagens durante quinze anos, a partir de 1822. “Essas passagens”, informava um *Guia Ilustrado de Paris*, “nova invenção do luxo industrial, são galerias envidraçadas, revestidas de mármore, que percorrem quadras inteiras de casas cujos proprietários se uniram para essas especulações. Dos dois lados dessas galerias, iluminadas pelo alto, sucedem-se as mais elegantes lojas, assemelhando-se a uma cidade, talvez a um mundo em miniatura”.³⁰ As espetaculares arcadas de ferro e vidro das galerias do centro comercial de Manchester e de Birmingham, na Inglaterra, reproduziam-se em Paris e Milão provocando o mesmo impacto devocional do culto à mercadoria.³¹

Nesse sentido, parece-me que a frequente crítica à má utilização dos novos materiais e da nova tecnologia aplicados na reprodução imitativa de estilos antigos e na maioria das vezes austeros baseia-se num critério um tanto anacrônico de avaliação que busca uma “lógica funcional” onde ela não se fazia presente. Afinal, era o momento em que o conceito de engenheiro saído das guerras revolucionárias começava a se impor, contrapondo os profissionais formados pela *École Polytechnique* aos da *École des Beaux Arts*, observa Walter Benjamin comentando a arquitetura do IIº Império.³² Entretanto, uma avaliação alternativa poderia considerar que os responsáveis pela construção de armazéns-casas de comércio, acreditavam estar traduzindo as intenções dos faraós egípcios em relação às pirâmides, com o objetivo deliberado de erigir marcos concretos e permanentes. Quanto às intenções de permanência, as reflexões de Hannah Arendt sobre o desejo humano de deixar marcas mais duradouras do que a fugaz passagem individual do homem pela face da terra são bastante instigantes.³³ No mundo burguês, a aceitação da transitoriedade das formas

29 Apud BRIGGS, Asa. *Victorian People*. Harmondsworth: Penguin, 1980, p. 45.

30 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. In *Œuvres II, Poésie et Révolution*. Essai. Trad. Maurice de Gadillac. Paris: Denoël, 1971. p. 123-125; versão brasileira: Paris, Capital do século XIX In *Walter Benjamin*. Sociologia. Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985, p. 30-43.

31 TAYLOR, Nicholas. *Op. cit.* vol. 2, p. 124.

32 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. *Op. cit.* p. 124.

33 Para Arendt, a intenção de perenidade foi, primeiro, concretizada pelos gregos em instituições capazes de assegurar a específica qualidade humana de realizar sua segunda natureza. Para tanto, o homem deveria transpor o domínio do privado, vale dizer, das atividades vinculadas à mera reprodução biológica e aparecer em outra dimensão, o espaço público. Para preservar esse espaço

institucionais parece contrapor-se aos sólidos edifícios construídos para abrigá-las eternamente. Acima de tudo, é um determinado recorte da cidade que elimina sua feição medieval e é a preservação de fragmentos do passado, transformados em relíquia de museu, o que expressa a marca da presença impositiva da burguesia. E suas necessidades impõem um desenho ao traçado urbano: manter tudo em movimento constante e previsível, transformar tudo em mercadoria; a feira sazonal transformada em mercado permanente e internacional.

Expressa bem essa modernidade traçada pela burguesia sobre antigas cidades europeias o corte em perspectiva das longas e largas avenidas abertas em Paris durante o IIº Império. Por um lado, asseguram o fluxo de homens, mercadorias, transportes e, não esqueçamos, dos batalhões do exército. Por outro, contudo, a sublime concepção estética da infinitude expressava o “ideal de urbanista de Haussmann (...) as perspectivas sobre as quais se abrem longas sequências de ruas”.³⁴ Benjamin vai além e indica a forma como arte e técnica se embaralhavam nessas obras: “Este ideal corresponde à tendência corrente no século XIX de enobrecer as necessidades técnicas através de fins pseudo-artísticos”.³⁵ E indicando que as cerimônias religiosas não podem prescindir dos edifícios adequados, afirma: “Os templos do poder espiritual e secular da burguesia deviam encontrar sua apoteose no quadro das fileiras de ruas. Antes da inauguração, essas perspectivas eram dissimuladas por um tecido que era levantado como se fosse um monumento e a vista alcançava agora seja uma igreja, seja uma estação ferroviária, uma estátua equestre, ou qualquer outro símbolo de civilização”. E conclui: “Durante a haussmannização de Paris a fantasmagoria se transformou em pedra”.³⁶

Em Viena também a burguesia austríaca decidiu dar à cidade um recorte moderno eliminando a inútil muralha que demarcava o antigo núcleo urbano e o campo de exercícios militares. Derrubadas as fortificações, uma larga avenida, formada por uma sequência anular de ruas, passou a circundar a área nobre da cidade. Substituindo os muros, o *Ringstrasse* materializava a intenção de eliminar qualquer obstáculo ao fluxo; realizava também o intuito de estabelecer em seu percurso os marcos

onde o homem, indiscernível dos outros de sua espécie enquanto ser biológico, surgia em sua singularidade, os gregos consideraram imprescindível elaborar e manter o lugar onde a palavra e a ação tinham efetividade. As instituições da polis, no mundo antigo, obedeceram a esse desígnio. In ARENDT, Hannah. (1958) *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1981. Cap. 2. “As esferas pública e privada”.

34 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. *Op. cit.*, p. 135-137.

35 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. *Op. cit.*, p. 123-124.

36 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. In *Oeuvres II*, *Op. cit.*, p.136.

simbólicos do domínio burguês. O Parlamento, a Prefeitura, a Universidade, o Teatro Municipal e os Museus, símbolos de uma cultura laica e burguesa, assumiram para além de suas atribuições institucionais a dimensão de cenário para o curso das famílias ricas. O conjunto arquitetônico composto pela larga avenida circular e pelos edifícios grandiosos, aos quais se seguiram outros também projetados com igual desatenção para a harmonia dos estilos, isolava a antiga cidade da parte exterior mais nova. Isolar dispensando muros, esta a estratégia escolhida: as ruas da área central e mesmo as grandes avenidas dos bairros mais recentes não se comunicavam, as ruas da parte nova terminavam sempre no *Ringstrasse*. Como afirmou Schorske, a particular disposição das ruas protegia o centro, impedindo o fácil acesso da população suburbana: “a antiga defesa militar transmuta-se em marco da divisão social”.³⁷

Até certo ponto, as construções majestosas solidárias ao processo de “embelezamento” das antigas cidades europeias, efetuado no decorrer da segunda metade do século XIX, indicam que algumas soluções haviam sido encontradas para superar aquilo que, no final da década de 1820, Carlyle chamara de crise, do estado em perigo. Muitos de seus contemporâneos pensaram projetivamente e trataram de realizar seus sonhos utópicos. Convencidos de estarem vivendo uma nova era se preocuparam em decifrar os sinais ameaçadores desses tempos inaugurais em tudo o que consideraram inédito. A experiência no trato com a potência das máquinas, a abundância de mercadorias e as multidões fora traduzida pela burguesia em marcos concretos que preconizavam superar a mera resolução dos problemas postos pela concentração de homens e de coisas num mesmo espaço; espalhados pela paisagem urbana, esses marcos alardeavam o triunfo de um ato inaugural e a imposição de uma nova estética. Novo traçado das ruas, nova concepção de cidade, novo estilo de vida, uma nova ética da ascensão social pelo enriquecimento, pela exploração do trabalhador, por meios nem sempre confessáveis. A intuição burguesa de estar iniciando um tempo novo traduzira-se em avenidas cortando as cidades de formas variadas e em prédios monumentais onde se demonstrava enfaticamente a capacidade da tecnologia para realizar com os modernos materiais a síntese da cultura universal. A arquitetura e o embelezamento urbano atingiam seu mais alto impacto para os sentidos pelas dimensões inusitadas. Cumpre lembrar que não só a superfície das

37 SCHORSKE, Carl E. (1961) *Fin-de-siècle – Vienna*. Politics and Culture. New York: Random House, 1981, cap. II: “The Ringstrasse, its critics, and the Birth of Urban Modernism”. p. 24-33, versão brasileira *Viena fin-de-siècle*. Política e Cultura. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Unicamp/ Companhia das Letras, 1988; Cf. também HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital*. *Op. cit.* p. 251-252.

idades fora reformada: as redes subterrâneas de distribuição de água e gás e a de coleta de esgotos, somadas às normas disciplinadoras da construção em geral, configuravam marcos menos visíveis, mas igualmente importantes para o sucesso dessa nova estética. O médico francês Parent Duchatelet sublinhou a importância desses monumentos úteis ao avaliar, em 1824, os novos esgotos construídos em Paris:

Como são poucos os que refletem sobre as consequências de tal empreendimento! Porque essas instalações se escondem de nossos olhos, ignoramos quais os meios que permitem conservar nossa saúde, como o ar que nos circunda é respirável, o milagre que transformou um bairro inteiro, de pântano infecto, numa área coberta por palácios e magníficos teatros. A causa de todas essas benfeitorias está escondida sob a terra.³⁸

Deus ex-machina

Arts is man's nature

Edmund Burke. *A Philosophical Enquire*.³⁹

Were we required to characterize this age of ours by any single epithet, we should be tempted to call it (...) the Mechanical Age. Our old modes of exertion are all discredit, and thrown aside. On every hand, the living artisan is driven from his workshop, to make room for a speedier, inarticulate one. (...) Men are grown mechanical in head and in heart, as well as in hand. (...) We may trace this tendency in all the great manifestations of our time, in its intellectual aspects (...) in its practical aspects. (...) We figure Society as a Machine.”
Th. Carlyle, *Signs of the Times*. 1829.⁴⁰

38 Citado por BÉGUIN, François. Les machineries anglaises du confort. *L'haleine des fauxbourgs, Ville, Habitat et Santé au XIXe siècle* (Org. Murard e Zilberman) *Recherches* n. 29, 1977, versão brasileira As maquinarias inglesas do conforto. Trad. Jaime Hajime Ozeki, revisão Suzana Pasternak. *Espaço & Debates* n.34 – Cidade e História. São Paulo: NERU, 1991, p. 39-54.

39 BURKE, Edmund. *A Philosophical Enquire* *Op. cit.*, p. 58.

40 “Se nos pedissem para caracterizarmos essa nossa era com um único epíteto, seríamos tentados a chamá-la (...) a Era Mecânica. Toda as formas antigas de ação foram desacreditadas e postas de lado. O artesão é expulso de sua oficina para dar lugar a algo mais rápido e inanimado. (...) Os homens se tornaram mecânicos no cérebro e no coração, tanto quanto na mão. (...) Podemos traçar esta tendência em todas as grandes manifestações de nosso tempo, em seus aspectos intelectuais e em seus aspectos práticos. (...) Figurariamos a sociedade como uma máquina”, in: CARLYLE,

O poder da técnica, ao acrescentar potencialidades infinitas às capacidades humanas, impõe-se soberano no centro da nova sensibilidade. Carlyle chega ao extremo de estabelecer uma correlação entre o aumento do “poder físico da humanidade” e o “gênio mecânico” infiltrando-se por toda a parte, de maneira a nada deixar acontecer e fluir espontaneamente:

Nada fica por conta dos antigos métodos naturais. Tudo possui implementos artificialmente produzidos, seu aparato preestabelecido, não feito à mão, mas sim à máquina. Assim, temos máquinas para a Educação (...) máquinas Religiosas (...) O mesmo acontecendo em todos os outros departamentos. (...) Filosofia, Ciências, Arte, Literatura, tudo depende do maquinismo.⁴¹

A maior expressão da imposição dos princípios mecânicos, a máquina e seus derivados, preenchem o vazio deixado pela desagregação final das formas multisseculares de orientação. Quanto ao ser humano, o que se encontrava eram seres desnaturados, esvaziados de qualquer essência vital, reduzidos a autômatos e a súditos do maquinismo. A máquina e o autômato constituem imagens solidárias de um mundo de homens aprisionados nas armadilhas de suas próprias artes.

A avaliação otimista desse quadro, ao invés de atenuá-lo, acentua ainda mais seu caráter constrangedor. Saint-Simon talvez pertença a uma escola de pensamento do século XVIII, e sua aposta desmesurada nos princípios da mecânica de Newton transpostos para a sociedade indique uma vivência não atingida frontalmente pela presença da fábrica mecanizada. Em sua fantasmagórica sociedade mundial dividida em quatro partes, indisfarçável em sua pretensão totalizante, Saint-Simon confere a Newton muito mais do que a condição de patrono; dá-lhe a dimensão de um ser privilegiado a quem Deus “confiara a direção das luzes e a liderança dos habitantes de todos os planetas”. E ia adiante ao afirmar que Deus designara como representante seu na Terra um conselho de sábios, composto de matemáticos, físicos, químicos, fisiologistas, literatos, pintores e músicos, dotado de todos os poderes, inclusive o de efetuar a partilha do mundo e o controle de seus habitantes.⁴² Em sua utopia, tal como em outras projeções totalizantes com bases científicas, Saint-Simon não se contentava em implantar a “ciência positiva” no âmago de uma nova religião; a ela

Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p.64.

41 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p.64-82

42 SAINT-SIMON. (1803) *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporaines*. In BRAVO, Gian Mario *Les socialistes avant Marx*. Paris: Maspero, vol. 1, p. 84 e seguintes.

atribuía o poder de instituir uma nova “organização social”.⁴³

Até certo ponto, sua previsão se realiza na importância do sainsimonismo para o desenvolvimento do espírito empreendedor da grande indústria e na execução dos grandes trabalhos de empresários como os irmãos Pereira que se lançaram, durante a monarquia de Julho e o IIº Império, na construção de empresas ferroviárias, bancárias e imobiliárias, além de terem se responsabilizado por parte da abertura de grandes avenidas em Paris. Atribui-se mesmo à sua inspiração aos empreendimentos da alta burguesia, cujas características de produção e de ação se oporiam à empresa pequeno-burguesa do falanstério fourierista de consumo e prazer.

Fourier desenvolve uma teoria filosófico-psicológica na qual relaciona as ações humanas a doze paixões e define a sociedade em estágios progressivos – barbárie, civilização, garantismo e harmonia – os dois últimos a serem ainda alcançados. Criticava as cidades por estarem privadas de forma e propunha para seu projeto do falanstério um esquema concêntrico detalhadamente regulado em termos de espaço e volumetria – no centro, a cidade comercial e administrativa, em seguida a cidade industrial e depois dela a agrícola.⁴⁴ Na grande edificação arquitetônica viver-se-ia coletivamente e permitiria “metamorfosar subitamente o mundo social”. Pode-se aproximar a disposição espacial do “palácio social” do dispositivo arquitetônico pan-ótico de Jeremy Bentham.⁴⁵ A fixação de Fourier pelas ruas-galerias passava pelas premissas da sociabilidade e da mercadoria exercitadas com a comodidade proporcionada pela climatização dos edifícios e das passagens. Na “Falange não haveria rua exterior ou descoberta e exposta às injúrias do ar”; ou seja, todas as partes do edifício poderiam ser percorridas por uma ampla galeria que seria “uma comunicação abrigada, elegante e temperada em todas as estações pelo emprego de estufas e ventiladores”.⁴⁶

43 BÉNICHOU, Paul. *Les Temps des Prophètes*. Paris: Gallimard, 1977, p. 248 e seguintes. Para o pensamento conservador do século XIX, ver ROMANO, Roberto, *O conservadorismo Romântico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

44 BENEVOLO, Leonardo. (1960) *História da Arquitetura Moderna*. Trad. Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 177-178.

45 CHOAY, Françoise. (1980) *A regra de o modelo*. Sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 261.

46 FOURIER, Charles. (1822) *Traité de l'association domestique agricole*. In *Oeuvres Complètes*. 12 volumes (Org. Simone Debout) Paris: Anthropos, 1967-1968 Apud *Villes & Civilisation Urbaine XVIIIº – XXº siècle* (Org. Marcel Roncayolo et Thierry Paquot), Paris: Larousse, 1992, p. 68-69.

Se a suave organização dos falanstérios foi celebrada em *O Trabalho*⁴⁷ por Émile Zola como forma de compatibilizar patrão e operário, a produção com o prazer proporcionado pelo consumo, a rigidez da utopia sansimoniana encontra seu equivalente irônico na crítica ao utilitarismo inglês da *Coketown* de *Tempos Difíceis* de Dickens⁴⁸. *Coketown*, a cidade industrial criada literariamente pelo autor inglês, não tolerava pessoas que se negassem à sujeição do trabalho e do raciocínio lógico baseado em “fatos bem comprovados”: expulsava-as. Nela não havia lugar para aqueles que se perdessem, ainda que ocasionalmente, pelos caminhos do devaneio e da meditação, ou que se deixassem levar pelos instintos, pelas emoções ou pela imaginação. De qualquer maneira, dado que a cidade não tinha dimensões planetárias, os proscritos poderiam, em tese, buscar refúgio em outro lugar. Contrariamente, inexistia espaço para a discordância na idealização social sansimoniana; todo aquele que se recusasse, por exemplo, a comparecer ao mausoléu de Newton para o culto coletivo seria discriminado pelos fiéis como inimigo. Nas palavras de Saint-Simon: “Todo homem, de qualquer parte do globo, estará ligado a uma dessas (quatro) divisões...”⁴⁹ Uma concepção estética sublime em todas as suas dimensões.

A projeção da sociedade organizada segundo os preceitos das ciências é paradigmática para se avaliar a extensão da armadilha. As imagens prazerosas da flânerie pelas ruas-galerias do Falanstério expressavam o resultado final do projeto de organização societária cujo princípio se assemelhava ao maquinismo. “As engrenagens de paixões, a cooperação complexa das paixões mecânicas com a paixão cabalística são obtidas por analogia com a estrutura da máquina utilizando materiais psicológicos. Este maquinismo humano produz o país de Cocagne”, observa criticamente Walter Benjamin.⁵⁰ Levar ao limite as consequências do bloqueio produzido nos cérebros humanos pela fé nos pressupostos do pensamento científico foi o recurso usado por Carlyle para chocar e amedrontar seus leitores. Dos princípios da mecânica, passando pela técnica e pela ciência se assenhoreando de todas as atividades humanas, até atingir o caos ou a destruição da própria sociedade, a progressão por ele imaginada é direta.

Em sua certeza de que os maquinismos se infiltravam insidiosamente até nos pontos mais recônditos da sociedade, Carlyle busca localizar a perda essencial dos

47 ZOLA, Émile. *Travail*. Les quatre évangiles. 2 vols. Paris: Eugène Fasquelle, Éditeur, 1921;1923.

48 DICKENS, Charles. (1854) *Hard Times*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd.,1982.

49 SAINT SIMON. (1803) *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporaines*. *Op. cit.*, v. 1, p. 86-87.

50 BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. *Op. cit.* p. 126-127.

homens e a identifica como perda da dimensão interna do conhecimento, a “ciência da dinâmica”. Perda fatal, já que ligada intimamente “às forças e energias humanas inalteráveis, às fontes misteriosas do amor, do medo, da reflexão, do entusiasmo, da poesia e da religião, todas elas de caráter verdadeiramente vital e infinito”. Atado à ciência da mecânica, o homem tinha seu horizonte reduzido à dimensão finita e à reprodução do que aí já existia; sua motivação ficava por conta da expectativa da recompensa imediata ou do medo da punição. Amputados da metade de suas capacidades sensoriais e intelectivas, Carlyle denunciava (previa) homens desprovidos de potência criadora. Em sua avaliação, o homem mecanizado contentava-se com reproduzir mimeticamente os movimentos da máquina; da condição de criador passava à de mero transformador de materiais já existentes e em condições de inferioridade absolutamente acachapantes em relação ao mecanismo automatizado⁵¹.

Carlyle leva às últimas consequências seu raciocínio: se existem “dois grandes departamentos do conhecimento — o externo, cultivado exclusivamente pelos princípios mecânicos”, isto é “tudo o que pode ser investigado e compreendido pelos princípios da mecânica”, e “o interno”, o que lida com “os grandes segredos da Necessidade do Livre-arbítrio, da dependência vital ou não da Mente à Matéria, da nossa relação misteriosa com o Tempo e o Espaço, com Deus, com o Universo” —, como poderia essa dimensão interna permanecer intocada e sem a mínima conexão com a externa? O Autor vai mais longe ao apontar a insuficiência da teoria mecânica *checks and balances* (freios e contrapesos), do lucro e da perda, para se entender a história, os movimentos mais profundos entre os homens; movimentos que não obedecem à esforços tendo em vista objetivos palpáveis e finitos, mas almejam alcançar algum fim não visível e infinito. Para ilustrar sua posição, ele toma como exemplos movimentos da magnitude das Cruzadas e indica que a finalidade comercial a elas atribuídas pouco significam frente à imaginação tomada pela ideia de um mundo invisível e sem fronteiras. Recorre ainda à Reforma protestante, à Revolução Inglesa e, como não poderia deixar de ser, à Revolução Francesa à qual atribui finalidade mais elevada do que “pão barato e o Habeas corpus”: “uma ideia; uma força Dinâmica e não Mecânica”. E completa com a interpretação que desenvolverá alguns anos depois em uma história da Revolução na França: “Foi uma luta, embora cega e mesmo insana, pela infinita e divina natureza do Direito, da Liberdade, do País”.⁵²

51 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p.72.

52 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 82-84.

Em posição teórica que coloca em instância exterior e além dos homens — a Natureza — as determinações que os impulsionam em suas lutas, Carlyle afirma lançando mão da força persuasiva das imagens:

Assim, em cada época, o homem reivindica, consciente ou inconscientemente, seu direito de nascimento celeste. Assim, a Natureza domina seu curso maravilhoso e inquestionável; e todos nossos sistemas e teorias nada mais são do que espuma passageira ou bancos de areia que, de tempos em tempos ela forma e depois desmancha.⁵³

Contudo, esquecidos de sua origem divina e de sua impotência frente aos desígnios de Deus, os homens acreditaram poder tudo atingir e resolver através dessa dimensão mecânica do intelecto, reduzindo dessa maneira sua capacidade de conhecimento ao domínio da lógica, ou seja, à mera organização e comunicação, que prescindia da meditação como instrumento intelectual e se contenta com o argumento. Na sua avaliação, o homem, de criador das ciências e das artes, regredia para a condição de simples pesquisador de causas e efeitos, seus cérebros reduzidos a moinhos-lógicos, que à semelhança dos moinhos mecânicos trituravam tudo o que viam pela frente. Satisfaziam-se com a elaboração de sistemas e teorias explicativas acerca de todos os fenômenos, sistema cujo caráter transitório permanecia mascarado pela implacável determinação de seus postuladores que os apresentavam como verdades eternas.⁵⁴ Esta imagem dos moinhos-lógicos reduzindo ao pó formador o que encontrava criado, tanto no âmbito material como no intelectual, é forte o bastante para representar plasticamente a pretensão imensa e a igual degradação da curiosidade mental por ele atribuída à humanidade.

Enfim, acho que podemos formular a questão por Carlyle: o que esperar de uma época em que os homens, esquecidos de sua condição de criadores e produtores das artes e dos mecanismos, se comportam e se veem como criaturas e produtos da máquina? Amputado de metade de sua condição humana, perdido o equilíbrio entre a dimensão interna e a externa, convertido em pura exterioridade, sua atividade intelectual crítica limitava-se a sombrios vaticínios contrapostos a uma idealização evocativa do passado. O presente assustador permanecia encoberto, dada a incapacidade de ir além da mera relação de causa e efeito visíveis de algo cujo cerne não se deixava apreender pelo pobre raciocínio lógico. Consequência imediata: impossibilidade de qualquer intervenção

53 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 77.

54 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 77-78.

modificadora e saneadora dos “males sociais”. E esses encontravam-se por toda a parte. A miséria indigente entulhando as principais cidades inglesas, o desemprego causado pela mecanização da indústria, a insanidade do movimento cartista, a tirania absoluta da opinião pública sobre as decisões políticas, todas, segundo Carlyle, “anomalias sociais” resultantes da crença ilimitada na concepção mecanicista da época. Concebida como uma máquina, a sociedade deveria, por meio de sua própria estrutura manter em movimento harmonioso as engrenagens, eliminando as que não se ajustassem com perfeição. Ora, o “erro” de tal concepção tornava-se mais evidente quando os problemas criados pela movimentação do mecanismo social não podiam ser resolvidos pela mecânica da eliminação natural.⁵⁵

O ponto crucial da crítica de Carlyle assume uma dimensão política explícita ao combater a ideia puramente administrativa de governo e de política. Se “na linguagem comum o governo Civil é nomeado Máquina da Sociedade”, este recurso metafórico demonstra ser concebido como “a grande roda em movimento da qual todas as máquinas particulares derivam ou a ela devem adaptar seus movimentos”; contudo, é outra coisa quando toda essa representação passa a não ser percebida meramente como uma “metáfora”, mas como a verdadeira estrutura da sociedade. O resultado dessa confusão induzia a se proclamar alto e bom som que “os homens são guiados somente por seus próprios interesses e que o bom governo constitui um equilíbrio desses interesses”. Carlyle remete essa assertiva às premissas do pensamento de uma linhagem de pensadores — Locke, Smith e Bentham — que havia logrado se infiltrar até nas entranhas da maioria dos homens cultos da época. Numa sociedade em que cada um é responsável só por si mesmo, inexistente o dever social. A causa básica dos desacertos em que se encontrava a sociedade inglesa, afirma enfaticamente, é a ausência do “infinito valor da bondade moral”.⁵⁶

Uma vez exposto o domínio da mecânica sobre os corpos e mentes, Carlyle avança até o limite previsível para tal estado de coisas: o avanço progressivo do caos, a autodestruição da sociedade. Esse movimento progressivo, advertia, ao contrário do que se pensa, não é o fruto da Revolução Francesa; esta sim, fez e faz parte dele e constitui seu momento explosivo mais feroz. Sua avaliação dos acontecimentos na França insere-os num movimento que inclui todas as “nações civilizadas da Europa num único grito de descontentamento: dê-nos uma reforma do Governo!”. A ilusão

55 CARLYLE, Thomas. *Chartism*. *Op. cit.*, p. 151-232

56 CARLYLE, Thomas. *Signs of the Times*. *Op. cit.*, p. 70-71 e *Chartism*. *Op. cit.*, p. 169-170.

de que “uma boa estrutura legislativa, um executivo correto, um sábio arranjo do judiciário sintetizavam todas as necessidades para a felicidade humana”, tomara conta do Velho Continente. Manifestações pontuais do grande movimento de descontentamento reapareciam nas rebeliões dos carbonários, em tumultos políticos na Espanha, em Portugal, na Itália e na Grécia e, mais sintomático ainda, nos livros. Aliás, Carlyle, aponta a importância da palavra escrita na formação da opinião (significativamente designada “*the moving power*”), dizendo que todos os grupos e correntes de opinião se apressavam em editar publicações mensais ou quinzenais afim de obter a aprovação e, mais importante, a adesão popular (*popularis aura*). Alcançar as camadas baixas da população de forma a contornar as modificações introduzidas pela força mecânica no edifício social que, ao aumentarem em muito a riqueza, haviam destruído as antigas relações entre rico e pobre, e criado entre eles uma distância abissal, esta a intenção de todos esses editores e de seus jornais. Desenhava-se com nitidez os contornos da limitada sensibilidade de homens impulsionados pela ambição, a “Honra sustentada pelo dinheiro”.⁵⁷

Dez anos depois, sob o impacto do movimento operário na Inglaterra, Carlyle se torna mais veemente, criticando a cegueira, a falta de sensibilidade dos membros do Parlamento frente à “condição e disposição mental” da grande maioria do povo inglês, as Classes Trabalhadoras expressando seu descontentamento por meio dos “rumos insanos do Cartismo”. A imagem portentosa da Revolução Francesa é retomada e sua dimensão europeia sublinhada com ênfase. Ultrapassa as considerações sobre a grandeza geográfica desse “enorme fenômeno”, e sublinha a longa duração — meio século — e o significado fundamental do “amargo descontentamento das Classes Trabalhadoras”: um descontentamento das “classes baixas oprimidas contra as classes altas opressoras e negligentes”. Afim de não deixar dúvidas, assinala os sinais explosivos de sua presença na própria Inglaterra: “esses cartismos, radicalismos e outras infinitas discrepâncias são ‘nossa revolução francesa’”.⁵⁸ Seu argumento vai ao que ele considera o âmago da situação atual do país:

Dizer que ele (o Cartismo) é louco, incendiário, nefasto, é nada dizer. (...) Por que o Parlamento não lança alguma luz sobre a questão das Classes Trabalhadoras, as condições e disposições em que se encontram? Mesmo para um observador afastado dos procedimentos parlamentares parece surpreendente, especialmente nestes tempos de

57 CARLYLE, Th. Signs of the Times, In: *Op. cit.*, p.77-84.

58 CARLYLE, Thomas. Chartism. *Op. cit.*, p. 153-154.

Reformas, ver qual o espaço que esta questão ocupa nos Debates da Nação. Existirá assunto mais urgente para os legisladores? Um Parlamento Reformado, pensaríamos, deveria se indagar sobre o descontentamento popular, 'antes' que se chegasse às lanças e às tochas.⁵⁹

O potencial destruidor dos trabalhadores unidos em seu descontentamento sustenta o argumento central do ensaio e assume a dimensão de estratégia de convencimento do leitor ao atingir o paroxismo no último capítulo, onde o autor pinta com cores escuras um “futuro sombrio de cinzas e escombros para o mundo” caso os assuntos relativos aos 24 milhões de trabalhadores permanecessem desregulados. O clima de tensão emocional cuidadosamente construído e mantido no decorrer de nove capítulos é subitamente suspenso pela apresentação de uma solução salvadora que permitirá à humanidade transitar da escuridão para a claridade: o poder do “intelecto esclarecido”, bem formado; os valores humanos levados em conta e devolvendo aos homens sua integridade. A potente luminosidade do intelecto transformando o “caos em mundo: fiat lux”.⁶⁰

O trânsito rápido das sombras para a claridade alivia a tensão na mesma proporção em que confere maior densidade à escuridão. São centenas de homens sem emprego encerrados atrás dos altos muros das casas do trabalho, são milhares de irlandeses miseráveis e famintos manchando de negro todas as cidades inglesas, é a insanidade coletiva dos trabalhadores injustiçados, é a cegueira dos parlamentares e dos homens cultos, é, enfim, o movimento de 1789 com seus horrores e crimes, com a execução de mais de um milhão de pessoas, todas imagens chocantes, que se sobrepõem dando conteúdo à imagem da escuridão e à noção de crise. Ao fazer da Grande Revolução um paradigma — “a Revolução Francesa é vista, ou começa a ser vista em todos os lugares, como o fenômeno culminante de nosso Tempo Moderno” — Carlyle acrescenta elementos à referência sempre retomada entre o potencial destrutivo inerente à má disposição da classe trabalhadora inglesa e o movimento revolucionário francês do final do século anterior.⁶¹

Potencialidades análogas, vale dizer, pessoas incapazes de se expressarem racionalmente, conduzidas por suas necessidades a se comportarem tal como Encefalus da mitologia grega, o gigante enterrado por Atena sob a ilha da Sicília e responsável pelas erupções vulcânicas e terremotos que ali ocorriam. A alusão mítica, recorrente nos textos de Carlyle, ultrapassa o recurso retórico erudito ao recorrer à “Revolução Fran-

59 CARLYLE, Thomas. *Chartism. Op. cit.*, p.152-153.

60 CARLYLE, Thomas. *Chartism. Op. cit.*, p. 223.

61 CARLYLE, Thomas. *Chartism. Op. cit.*, p. 181-182.

cesa golpeando o Relógio do Tempo” para trazer a imagem de uma “nova Era” e sua novidade, a força natural — “Forças primevas” — pessoas reduzidas à animalidade. O “silêncio passado ganhou uma voz” — “Trabalhadores-Livres exigindo, por assim dizer, terem o mesmo nível do Trabalhador-Escravo: comida, abrigo e a devida liderança em retribuição de seu trabalho”. Em suas palavras se anuncia um claro aviso para que as classes dirigentes — Aristocracia e Clero — assumissem seu dever de liderança; e mais, um alerta quanto à impossível regulação dos assuntos humanos pelos ditames do liberalismo embutido na denúncia explícita à irresponsabilidade do “Laissez-faire das Classes Governantes”. Carlyle chega mesmo a listar assuntos a serem vistos “sob a mesma luz”: Leis de Reforma Eleitoral, Revoluções Francesas, Luis-Filipes, Cartismos, Revoluções dos Três Dias, todos temas a demonstrarem, em linguagem própria, a extensão do descontentamento das classes trabalhadoras⁶². Na alternância de imagens sombrias e de luzes no fundo do túnel, visíveis por aqueles com sensibilidade para vê-las com o recurso a representações apoiadas na evidência dos acontecimentos, o impacto sugestivo e apocalíptico de seus textos colorem-se com as gradações do Sublime.

A mesma imagem, deslocada agora para a condição de momento inaugural de um processo portentoso se impõe no relatório de um desconhecido filósofo escocês dirigido ao Conselho de Agricultura de sua região em 1816: “A moralidade e os costumes das ordens inferiores da comunidade têm degenerado desde os primeiros tempos da Revolução Francesa”. Degeneração, no caso, significava a adesão dos trabalhadores do campo à “doutrina da igualdade e dos direitos do homem”.⁶³ Até Cobbet, combativo propagandista das ideias radicais e jornalista fundador da imprensa popular inglesa, deu sua contribuição para a formação dessa imagem assustadora: “...uma tal quantidade de terríveis barbaridades, que os olhos nunca haviam presenciado, a língua nunca expressara ou a imaginação concebido, até o começo da Revolução Francesa”.⁶⁴ Apesar da ambiguidade de seus argumentos, Cobbet reconhece o impacto das transformações no campo, em especial no sistema de propriedade, que levava a um estado de coisas tal que no país só existiam duas classes: “senhores” e seus “abjetos dependentes”.⁶⁵ Oferece também nos anos iniciais do século XIX, em seu periódico *Political Register*, uma imagem muito nítida das condições de vida dos trabalhadores:

62 CARLYLE, Thomas. *Chartism*. *Op. cit.* Observações que constam de vários capítulos entre p. 154-211.

63 Apud THOMPSON, E.P. *La formación histórica de la clase obrera*. *Op. cit.*, vol. 2, p. 58.

64 COBBET, William. *The Bloody Bouy* (1796); VOL. III, *Porcupine's Works*, 1801, Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. New York: Harper & Row, 1966, p. 13.

65 COBBET, William. *Political Register*, 28.02.1807. Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society*. *Op. cit.*, p. 14.

Na Inglaterra, um trabalhador com mulher e somente três filhos, supondo-se nunca perca um dia de trabalho, supondo-se ser ele e sua família frugal e trabalhadora no pleno sentido dessas palavras, não é capaz de proporcionar a si uma única refeição de carne durante o ano. É correto que esta seja a situação na qual os trabalhadores se encontram?⁶⁶

A percepção de coisas, ideias, eventos, fenômenos em suma que parecem inéditos, assustadores, poderosos em sua força, infinitos ou com os limites velados, portentosos em seu impacto sobre a imaginação, compõe a sensibilidade romântica do século XIX. A força de atos inaugurais, com seu caráter revelador de tudo o que antes estivesse submerso e contivesse um grande potencial transformador, ficou para os pósteros impresso na imagem elaborada pelos homens que presenciaram a imposição da máquina e se chocaram com a revelação pública das necessidades e expectativas dos trabalhadores.

Flora Tristan, francesa-peruana, aventureira, culta e sensível aos problemas sociais lançou-se como muitos de seus contemporâneos — Tocqueville e Engels⁶⁷ entre eles — numa viagem pela Inglaterra no final da década de 1830⁶⁸. Suas observações, feitas sob o impacto do movimento cartista, coincidem com as deles, com as do historiador Michelet e do “pesquisador social” Eugène Buret, bem como com as de Carlyle.⁶⁹ Sem exceção, estavam todos convencidos de que as máquinas e a extrema divisão do trabalho cindira a sociedade inglesa em dois grupos antagônicos numa dimensão sem precedentes, mesmo se considerada a revolução de 1789. Nelas, escuta-se igual advertência sobre a necessidade de se prestar atenção aos sinais assustadores a emergirem de “sob a aparência” do poderio, do fausto e da riqueza da Inglaterra. Faziam desse país um paradigma dos “tempos modernos”, como já sublinhei. Iam além do percurso do simples viajante que se limitava a conhecer os belos bairros londrinos e os lugares públicos frequentados pelos homens de dinheiro; inscreviam-se, como Flora destaca, na ordem dos observadores, aqueles que não se recusavam à árdua e desconcertante tarefa de penetrar a bela aparência e enfrentar a visão da “imoralidade sem limites a que conduz a sede de ouro e as misérias

66 COBBETT. *Political Register*. 6.12.1806. Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society*. *Op. cit.*, p. 14.

67 TOCQUEVILLE, Alexis de. (1851) *Voyages en Angleterre et en Irlande*. Paris: Gallimard, 1967; ENGELS, Fredrich. (1845) *La situation de la Classe Laborieuse en Angleterre*. Trad. Gilbert Badia e Jean Frederic. Paris: Éditions Sociales, 1960.

68 TRISTAN, Flora. (1840) *Promenades dans Londres ou L' Aristocratie et les prolétaires anglais*. Paris: Maspero, 1978, p. 57.

69 MICHELET, Jules. (1846) *Le Peuple*. Paris: Flammarion, 1974; BURET, Eugène. *La misère des classes laborieuses en Angleterre et en France*. 2 vols., Paris: Chez Paulin, Libraire, 1840 (edição fac símile).

horríveis de um povo reduzido à fome e à cruel opressão”.⁷⁰ Tocqueville, analista menos dado à utilização de metáforas em seus escritos, não resiste em usá-la nesta observação na qual indica a distância social e a diferença de interesses entre as três partes da sociedade na Inglaterra:

A sociedade inglesa me parece dividida em três categorias desiguais: a primeira (...) quase a totalidade da aristocracia e uma grande parte da classe média alta (...); a segunda (...) as classes médias mais baixas e uma pequena parte da aristocracia; a terceira (...) as classes baixas, o povo propriamente dito.

(...)

O estado dos pobres é a chaga mais profunda da Inglaterra. (...) A causa do mal reside (...) na extrema indivisibilidade da propriedade fundiária.

Igualdade aparente, privilégios reais da riqueza. (...)

As leis sobre os contratos tão obscuras e tão mal feitas. (...) Assim o pobre é excluído da propriedade da terra.⁷¹

Importa indicar que os trabalhadores assalariados também partilharam a constituição desse paradigma. Num longo depoimento, um operário da indústria têxtil de Manchester expõe, em 1818, as condições de vida de patrões e operários após a introdução da máquina na fiação do algodão. A substituição das mãos habilidosas dos homens por instrumentos velozes criara desemprego e num curto lapso de tempo destruíra todo um sistema de produção baseado em pequenas oficinas montadas nas próprias moradias dos mestres-patrões. A redução do homem ao domínio mecânico também aparece assinalada em cores vivas, de modo a deixar claro que a ganância de lucros dos patrões proporcionada pela mecanização da indústria correspondia à degradação do trabalhador e de sua família arrancados de casa antes do amanhecer, trancafiados por treze ou quatorze horas num ambiente asfixiante e alimentados precariamente. Ainda à máquina ele atribuía o distanciamento entre patrão e trabalhador; distância constitutiva da diferença entre eles, diferença que desfizera antigos laços de trabalho e os tornara inimigos.⁷² Essas do operário observações situam-se no âmbito da denúncia e do depoimento num momento em que o lugar privilegiado do atento observador culto se constitui pela significativa distância que o separa do simples viajante e do transeunte distraído.

70 TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres*, *Op. cit.*, p. 57.

71 TOCQUEVILLE, Alexis de. *Op. cit.*, p. 138-139, 116, 151.

72 THOMPSON. *La formación histórica de la clase obrera*. vol. 2, *Op. cit.*, p. 23 e seguintes.

Ir além das aparências exigia formação intelectual e disponibilidade; o olhar do observador atento é um olhar armado para analisar o que vê, e compor e refazer a ordenação das partes constitutivas daquilo que, para o olhar desarmado, permanece em sua unidade acabada ou inexplicável em suas razões profundas; um olhar incapaz de penetrar a superfície das evidências. Avaliadas a partir de planos diversos e pontos de vista diferentes, as relações entre os homens se vê transformada em objeto de estudo.⁷³ Sujeito e objeto se formam e assumem identidades, contornos e estrutura num movimento que, ao constituir seu tema em campo de conhecimento, o pesquisador dá forma à sua própria subjetividade.

Já nos títulos dos trabalhos a distância analítica se faz explícita: A população trabalhadora das manufaturas inglesas (objeto) e as mudanças ocorridas com a introdução da máquina a vapor (causa). Com este longo título, eliminados os colchetes, Peter Gaskell definia em 1833 uma intenção de conhecimento orientada, não casualmente, por pesquisas nas quais a análise constituía o eixo central.⁷⁴

O olhar preparado para uma análise com método de um determinado objeto difere bastante do olhar divagante de Louis Sébastian Mercier em suas andanças pela capital francesa na década de 1780. Para redigir *Le Tableau de Paris* ele transitara infundavelmente pela cidade; observara o desenho de suas ruas e casa, mas também anotara a aparência e os hábitos de seus variados habitantes. Com a memória saturada dessas observações múltiplas, ela buscara refúgio em um vilarejo dos Alpes, no intuito de suspender os estímulos visuais e com isso elaborar um inventário de pessoas e coisas. Seu esforço resultou em um quadro plano: personagens divididas em oito categorias maiores, hierarquizadas e, por sua vez, desdobradas em várias subdivisões, que contudo, não teriam dado conta de todos os tipos de pessoas. Mercier recorrera ao recurso da distância física efetiva para se recolher e ordenar os inúmeros estímulos visuais obtidos em suas andanças.⁷⁵

O literato norte-americano Edgar Allan Poe também elaborou uma distância física literária entre o observador e o espetáculo da rua em *O homem da multidão*. Uma

73 Henry Mayhew desenvolve na década de 1850 um longo e minucioso trabalho sobre a população pobre de Londres, recolhendo milhares de depoimentos que depois transcreveu mantendo a forma popular de expressão. Seu intuito era fazer uma enciclopédia onde pela primeira vez o povo aparecia com sua própria voz. MAYHEW, Henry. (1861,1862) *London Labour and the London Poor*. New York: Dover Publications, 1968, 4 v.

74 Trechos do Relatório de Gaskell se encontram em PIKE, E. R. *Humans Documents of the Industrial Revolution in Britain*, Londres: George Allen & Unwin Ltd., 1973, p. 46-52.

75 MERCIER, Louis Sébastian. (1782;1783) *Le Tableau de Paris*, Paris: Maspero, 1979.

janela separa o narrador da cena que observa: um observador imóvel que deve dar conta da multiplicidade em movimento de levas de homens que andam pela rua. Seu olhar armado permite a seu cérebro receber e organizar imediatamente os estímulos visuais que recebe; pela exterioridade das pessoas, seus movimentos e tiques nervosos, ele sente-se capaz de definir suas ocupações e seus anseios. Passa para seu leitor o impacto da novidade dessa imagem portentosa das multidões das ruas londrinas na década de 1840. Poe elabora um distanciamento emocional e psicológico ao recorrer à doença que mantivera o observador recluso por longo tempo. Poe não se posiciona na condição de analista social, pois o olhar atento do personagem observador perde sua capacidade analítica quando levado pela curiosidade deixa seu posto de observador e se lança na rua no encalço da figura fugidia do homem da multidão.⁷⁶

O método de Gaskell é outro: ele parte deliberadamente de um quadro conceitual – o paradigma do ser moral, do ser social e do ser físico do homem – que lhe permite usar suas anotações e as de outros observadores para avaliar o modo de vida de seu objeto, que por sua vez passa pelo crivo do quadro classificatório prévio – classes trabalhadoras. A voz de “seus trabalhadores de Manchester”, os fiadores, e os patrões por eles descritos têm densidade, uma história tecida pelo antes e o depois da presença da máquina; eles coletivamente se tornam objetivo de estudo e categoria analítica.⁷⁷

Ir além das aparências exigia formação intelectual e disponibilidade; o olhar do observador atento é um olhar armado para analisar o que vê, e compor e refazer a ordenação das partes constitutivas daquilo que, para o olhar desarmado, permanece em sua unidade acabada ou inexplicável em suas razões profundas; um olhar incapaz de penetrar a superfície das evidências. Avaliadas a partir de planos diversos e pontos de vista diferentes, as relações entre os homens se vê transformada em objeto de estudo.⁷⁸ Sujeito e objeto se formam e assumem identidades, contornos e estrutura num movimento que, ao constituir seu tema em campo de conhecimento, o pesquisador dá forma à sua própria subjetividade.

Essa forma de conhecimento é o objeto da crítica de Carlyle que o denomina de mecanicista. Por um lado, um sujeito reduzido a mera exterioridade e amarrado por um quadro conceitual, de outro, o objeto, seres sem individualidade, espéci-

76 POE, Edgar Alan. (1840) O homem da multidão. In *Poesia e Prosa*, vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1944.

77 GASKELL, Peter. England's Manufacturing population. PIKE, E. Royston. *Op. cit.*, p. 46-52.

78 Henry Mayhew desenvolve na década de 1850 um longo e minucioso trabalho sobre a população pobre de Londres, recolhendo milhares de depoimentos que depois transcreveu mantendo a forma popular de expressão. Seu intuito era fazer uma enciclopédia onde pela primeira vez o povo comparcia com sua própria voz. MAYHEW, Henry. *Op. cit.*

mes de uma classe, reconhecíveis por suas características extrínsecas e classificação social. O olhar armado implica a mediação do conceito e permite desmembrar, a exemplo da dissecação anatômica, a figura humana. Mera operação intelectual que para ele, começa e acaba no mesmo lugar. Dos dois lados, são homens reduzidos a autômatos, atados, mentes, corações e mãos, à concepção mecânica do mundo. Autômatos seriam as personagens literárias e os trabalhadores ingleses que, esvaziados de conteúdo essencial (identidade individual adquirida pela especialidade artesanal, assumiram a condição de classe, de massa; autômatos também os observadores-analistas sociais despojados do conhecimento introspectivo. Sua crítica ao pensamento mecanicista, o faz duvidar da instrução destituída das “Ciências Morais”. Carlyle faz da instrução das “classes baixas e oprimidas” tarefa primordial, sem descurar da necessidade de livrar os homens de seus grilhões mecânicos. Afinal, a “questão social” interessava aos homens cultos:

Vinte e quatro milhões de trabalhadores, se seus assuntos permanecerem desregulados, caóticos, acenderão fogueiras e incendiarão fábricas; reduzirão nós, eles e o mundo a cinzas e ruínas. (...)

Ou seja, havia uma pergunta a ser respondida,

Qual intelecto seria capaz de regula-los? (...) Intelecto, interno, é discernimento da ordem e da desordem; é a descoberta da vontade da Natureza, da vontade de Deus; o começo da capacidade de caminhar de acordo com elas. (...) Intelecto é como luz; o Caos torna-se um Mundo: *Fiat lux.*⁷⁹

Midas e Argus

The city delights the understanding. It is made up of finites, short, sharp, mathematical lines, all calculable. It is full of varieties, of successions, of contrivances. (...) It is the School of the Reason.

79 CARLYLE, Thomas. Chartism. (1839) Chartism. In: *Thomas Carlyle – Selected Writings*. Harmondsworth-UK: Penguin, 1980. p. 223.

Ralph Waldo Emerson, *The Journals and Miscellaneous Notebooks, 1819-1882*⁸⁰

Slow the city grew
Like coral reef on which the builders die
Until it stands complete in pain and death.

Alexander Smith, *A Boy's Poem*, 1857.⁸¹

Nas percepções da cidade no século XIX, a alegoria do monstro conjuga à imagem do mecanismo devorador de materiais e energia humana a imagem orgânica de uma criatura monstruosa. A cidade, negação da natureza, artificial, agressiva a tudo o que fosse natural, figura a dimensão mais ampla do maquinismo. A representação do processo de produção materializado na fábrica — o moinho satânico devorador de homens — desdobra-se até atingir a dimensão imaginária da cidade. A figura de Midas com sua ambição desmedida transformando em ouro tudo o que toca e a do Inferno de Dante foram utilizadas por Carlyle para expressar a condição dos trabalhadores ingleses morrendo de fome em meio à imensa riqueza do país.⁸² Nos textos poéticos, literários e de pesquisa social, o grande mercado permanente instalado nas ruas e nas docas de Londres — os símbolos brasonados dos comerciantes expostos nas fachadas das casas de comércio conferindo identidades diferenciadas em um espaço de anonimato, de pouca permanência e contínua movimentação — cinde-se e em suas brechas se impõe a presença marcante da produção. Sobre a imagem da capital política, comercial e financeira do país e de um império mundial, somam-se imagens das cidades industriais do norte da Inglaterra; sobre a imagem de outra capital política e cultural, Paris, sobrepõe-se a de Lyon fabril.

Imagens contraditórias entretecem uma concepção de cidade: o crescimento lento, assemelhado a formação do coral, contrapõe-se ao crescimento rápido, violento e desmesurado; a finitude das linhas geométricas e as concentrações humanas

80 "A cidade seduz a compreensão. Ela é feita de finitude, linhas curtas, agudas, matemáticas, todas calculáveis. É repleta de variedades, de sucessões, de dispositivos. (...) É a Escola da Razão." EMERSON, Ralph Waldo. *Journals and Miscellaneous Notebooks*. 1819-1888. Ver A. CLAPP, Jams (Org.) *The City: a Dictionary of Quotable Thoughts on Cities and Urban Life*. New Brunswick (USA)-Londres(UK): Transaction Publishers. 2013, E 45, p. 79. Apud STANGE, G. Robert. *The Frightened Poets In DYOS, James e WOLFF, Michael. Op. cit., vol. II, p.478.*

81 "Vagarosamente a cidade cresceu/Como uma formação de coral, onde os construtores morrem/ até que se complete em agonia e em morte." SMITH, Alexander. Apud STANGE, Robert G. *The Frightened Poets*. DYOS, James e WOLFF, Michael. *Op. cit., vol. II, p. 485;475-495.*

82 Tanto em *Signs of the Times* como em *Chartism*, Carlyle recorre à figuras de linguagens para construir oposições com forte sentido de injustiça social. Em *Past and Present* (1843) o 1º cap. leva o título "Midas". CARLYLE, Thomas. *Op. cit., p. 61-85; 151-132; 259-281, respectivamente.*

mecanicamente disciplinadas, quando no trabalho, contrastam com as multidões despidas das características de humanidade, disformes, moldáveis ao assumirem a forma das ruas por onde se arrastam. Em todas essas imagens o recurso às metáforas é uma constante. A cidade dá abrigo a um deus brutal; o rito religioso da moderna deusa Civilização exige sacrifícios comparáveis à barbárie dos povos antigos. O horror produzido pela imagem de um Moloch atualizado, porém igualmente insaciável, encontra sua tradução caricata na representação da sociedade moderna à imagem de um grande moinho que tritura gente produzindo simultaneamente bens e capital.

Também o cidadão dissolve-se em metáforas onde nem mais o recorte da individualização resiste, somente a potência do número, do movimento coletivo permanece nas imagens. Das ondas, às torrentes e às lavas vulcânicas, manifestações incontrolláveis e pouco previsíveis do mundo físico, acrescentam-se o curso ordenado dos rios, o molusco, a criatura monstruosa, e também o coração, o cérebro e a circulação sanguínea. Imagens de cenários fabricados pelos homens — “palcos apagados onde a solidão caminha sozinha”, ou como Baudelaire sentiu Paris, “Hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão; onde toda enormidade desabrocha tal qual uma flor”.⁸³ Talvez uma das imagens mais portentosas e esteticamente sublimes das grandes cidades magnificadas à dimensão do mundo esteja num texto de De Quincey, escrito na década de 1880:

Uma sucção tão poderosa, sentida por todo um vasto raio e simultaneamente a consciência de que em outros raios ainda maiores, tanto em terra como no mar, a mesma sucção acontece, noite e dia, verão e inverno, impelindo sempre para um único centro os infinitos meios necessários para seus propósitos infinitos, e os inesgotáveis tributos para a habilidade ou o luxo de sua população infindável abarrotam a imaginação com uma pompa sem similar correspondente neste planeta, mesmo entre coisas que já existiram ou que ainda existem.⁸⁴

Londres percebida como uma nação inteira, senhora de um poder de sucção que abastece as infinitas necessidades de sua sempre crescente população: imagem que atinge a imaginação na forma de impacto de coisas surpreendentes e que a preenche de forma total exatamente por seu ineditismo. Considerado o número dos londrinos e que, como alertou Tocqueville em 1835, dois terços da população inglesa

83 BAUDELAIRE, Charles. De l'héroïsme de la vie moderne, Salon 1846 In: BAUDELAIRE. *Oeuvres complètes*. Paris: Robert Laffont, 1986, p.687.

84 DE QUINCEY. (1881) *Autobiographical Sketches* Apud STANGE, G. Robert. *The Frightened Poets*. DYOS, James e WOLFF, Michael. *Op. cit.*, vol. Cap. 20, p.476.

abandonara a terra e dedicava-se às profissões industriais, pode-se ter em mente a força persuasiva de uma observação como esta, de que “as classes baixas (...) ou melhor seus chefes, sabem precisamente o que querem fazer” e visam precisamente “destruir todo o antigo edifício da sociedade aristocrática de seu país”.⁸⁵ A imagem do grande mecanismo de sucção deixa as paragens da imaginação e da fantasia para descer à terra e expressar em linguagem literária a certeza “objetiva” do poder de destruição criativa desse novo deus que habitava a cidade. Não mais o racional Apolo do século das Luzes, mas o arteiro e imprevisível Dionísio fizera dela seu moderno acampamento. Aliás, todas as avaliações, misturas de imagens e dados numéricos, confluem numa representação da cidade onde os princípios da mecânica universal, o lento processo imutável da natureza e as figuras orgânicas de corpos e de criaturas monstruosas, embora produzidas pelo homem, se confundem.

É difícil delinear uma divisão nítida entre representações mecânicas e orgânicas de maneira a estabelecer duas linhagens de sensibilidade diferentes.

Até onde se pode afirmar, por exemplo, a não contaminação da concepção mecânica da dupla circulação sanguínea, pela imagem do corpo orgânico que a contém? A própria concepção de cidade, desde sempre relacionada a um lugar construído e fechado, contraposto ao espaço aberto e sem limites do campo, persiste nos registros atônitos da expansão sem precedentes e imprevisível em sua projeção futura dos núcleos urbanos. As muralhas medievais, renascentistas e outras mais tardias, são derrubadas, o traçado das ruas refeito, suas sinuosidades e escuridão vencidas pela linha reta e a grande dimensão das avenidas. O caráter defensivo das cidades desloca-se dos muros para a vigilância policial constante, para a certeza intelectual da cidade cindida em “duas Nações”, o estrangeiro substituído por um inimigo potencial presente no dia a dia.

Há também um vínculo nítido entre a representação da cidade envolta pelos muros e a formulação da imagem conceitual de um meio ambiente que degenera as forças físicas e morais dos homens; como também é nítida a solidariedade entre essa imagem e a figuração de multidões de pobres afluindo para os centros urbanos e se amontoando em casas, pardieiros, becos e ruas.⁸⁶ Em cidades como Londres, para a qual as classes governantes haviam buscado o controle do seu crescimento desde os finais do século XVI, movidas pelo receio de distúrbios provocados por homens ar-

85 TOCQUEVILLE, Alexis de. *Op. cit.*, p. 139.

86 Gerando Apud Louis CHEVALIER, *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Librairie Générale Française, 1978, p. 250.

rancados da terra pelos cercamentos das propriedades comuns, a presença de milhares de pobres fazia-se assustadora e deu ensejo à avaliação pessimista de que ocorria um “crescimento doentio”.⁸⁷

Raymond Williams afirma que, já no século XVIII, as imagens de Londres (e das cidades em geral) apresentam-se contraditórias. Reconhecidamente a maior cidade do “mundo civilizado”, Londres inspirou a Voltaire a comparação com Atenas, progresso e cultura reunidos num aprendizado de civilização e liberdade. Voltaire afirmava ter o crescimento de Londres se dado pelo comércio, e que por isso a cidade se tornara mais importante que Paris, seja por sua extensão ou pelo número dos cidadãos. Vai além em suas considerações ao dizer que “os membros do Parlamento da Inglaterra gostam de se comparar aos antigos Romanos” e mais, que “o comércio, que enriqueceu os cidadãos na Inglaterra, contribuiu para torná-los livres”. Nessas circunstâncias, prosseguia o filósofo, “um negociante inglês (...) se compara, não sem alguma razão, a um cidadão romano”. Da mesma maneira “o filho caçula de um par do reino não despreza os negócios”.⁸⁸ Também Adam Smith definiu a cidade como lugar seguro para a indústria oriunda do campo, dado ser um centro de liberdade e de ordem em estreita dependência dos assuntos mercantis. William Blake, londrino e comerciante, falou da cidade na linguagem do comércio, mas também a considerou um estado mental organizado. Já Tucker, alinhava-se a posição oposta e antecipou para Londres, em 1783, a imagem do “grande tumor”, que seria retomada por Cobbett no século XIX: “Londres, a metrópole da Grã-Bretanha é, há muito tempo, lamentada como uma espécie de monstro, com uma cabeça imensa, em total desproporção com seu corpo”. O mesmo ocorria na literatura; os autores Pope e Swift, otimistas, transferiram para a cidade os valores convencionais de uma sociedade aristocrática rural, enquanto outros, tais como Hogarth e Defoe, visualizavam a negação de uma ordem civilizada nas imagens da multidão insolente e dos trabalhadores debochados.⁸⁹

A partir das décadas finais do século XVIII, estas representações contraditórias da cidade não podem ser desvinculadas do debate político inglês frente ao movimento revolucionário na França e da apreensão causada pelo encontro de uma tradição política radical inglesa com o jacobinismo francês. No debate se digladiam duas concepções de sociedade civil e de Estado, cujos argumentos apoiavam-se em

87 WILLIAMS, Raymond. (1973) *O campo e a cidade na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, Cap. 14 Transformações na cidade, p. 203-205.

88 WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade*. Op. cit., Cap. 14 Transformações na cidade, p. 202.

89 WILLIAMS, Raymond *O Campo e a Cidade*. Op. cit. Cap. 14 Transformações na cidade, p. 202-204.

duas interpretações conflitantes do contrato constitutivo da própria sociedade saída do estado de natureza. Burke, nas tumultuadas décadas finais dos setecentos, assume posição crítica aos princípios liberais vigentes e que, na verdade, iriam prevalecer no século seguinte. Seu argumento partia do pressuposto de que o contrato social não poderia ser encarado como um mero contrato comercial unindo interesses ocasionais. Numa linguagem que se serve deliberadamente de termos comerciais, afirma que o contrato constitutivo da sociedade “deve ser fechado com outra reverência, por que não se trata de uma sociedade comercial envolvendo coisas que servem somente à existência animal de caráter temporário e perecível. “Trata-se”, continua, “da associação de cada virtude e de toda a perfeição. Como as finalidades de tal associação só podem ser obtidas em muitas gerações se torna uma associação não só entre os que estão vivos, mas entre os vivos, entre os mortos e entre os que irão nascer”.⁹⁰ Sua nítida concepção conservadora das instituições sociais baseia-a no “princípio da herança” que, em suas palavras, dava à constituição política inglesa “a imagem de um parentesco pelo sangue”; atada “aos nossos mais caros vínculos domésticos”. Com isso, assegura, as “leis fundamentais tem lugar no seio de nossas afeições de família”, e conclui: “unimos em nossos corações, para querê-los com o calor de todos os nossos sentimentos combinados, nosso Estado, lares, túmulo e altares”.⁹¹

Sua crítica à proposição smithiana da possível harmonia universal, se deixadas as necessidades e desejos humanos livres de qualquer injunção, é nítida, pois considera muito exíguo o “estoque de razão de cada indivíduo”. Em linguagem que lembra Hobbes, Burke define a preeminência do governo sobre os homens aos quais deve sujeitar em suas paixões. Considera impossível a coexistência dos direitos irrestritos e da “sociedade civil, criada para o benefício do homem”, para atendê-lo em suas necessidades; não vê alternativa a não ser a de um governo exterior à sociedade civil, um poder independente dos homens e não o mero exercício de uma função sujeita aos mesmos desejos e paixões que tem por dever refrear e subjugar.⁹² Também não deixa lugar a nenhuma dúvida quanto ao objeto central de seu argumento: “Tenho em mente o homem da sociedade civil e nenhum outro. Autoridade (...) é algo a ser estabelecido por convenção”. Reconhecida a condição

90 BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*, Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society Op. cit.*, p. 10.

91 BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*, Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society Op. cit.*, p. 10-12.

92 BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France*, Apud WILLIAMS, Raymond, *Culture & Society Op. cit.*, p. 9 e 8-9.

artificial da ideia de povo como corporação, “uma ficção legal” entre outras, Burke distingue por seu caráter de “acordo coletivo” a partir do qual a sociedade, ou a existência propriamente humana, assumiu uma forma.⁹³

A ideia de nação constituída por circunstâncias, momentos definidos, ídolos, disposições peculiares e hábitos morais, civis e sociais do povo, não nos permite indicá-lo como um dos que primeiro conceberam a sociedade moderna e regida por códigos legais à imagem de um organismo vivo, ainda que seja entre aspas, como o faz Williams. Sua plena adesão à ideia do caráter totalmente artificial da organização civilizada o impede de enraizá-la na natureza física. Para ele, a sociedade estaria vinculada a uma convenção, cuja base fincava-se na particular natureza humana que, segundo ele, diferencia-se de qualquer outro ser biológico por sua busca da perfeição. Burke, aliás, nega a mera transposição dos direitos naturais para os direitos civis: estes são produto do “pacto social”, uma convenção, “uma limitação artificial e positiva destes direitos”. Dessa maneira, Burke declara que “se a sociedade civil foi criada para o benefício do homem, todas as vantagens para a qual ela foi criada tornam-se direitos”, direitos que não podem ser entendidos como “direitos às mesmas coisas”⁹⁴. Nesse ponto, o modelo de sociedade comercial adquire seus contornos mais nítidos e de plena aceitação dos pressupostos de Locke com a noção da proporcionalidade entre o investimento e o acesso aos bens: “Aquele que subscrever cinco *shillings* em uma sociedade tem direito à renda dos cinco *shillings*, da mesma forma que aquele que empregar quinhentas libras esterlinas tem direito proporcional à quantia aplicada”. Esta a fórmula acabada da nova sociedade onde, como denunciou sua contemporânea Mary Wollstonecraft, a tirania do direito de família fora substituída pela tirania da riqueza.⁹⁵

A moderna concepção orgânica de sociedade, tal como ganhou representações sistêmicas no século XIX, pode ser creditada em boa parte à resistência dos trabalhadores

93 BURKE, Edmund. Appeal from the New to the Old Wigs Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society*. Op. cit. p. 9.

94 WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society*. Op. cit., p. 11.

95 WOLLSTONECRAFT, Mary. (1790) *A Vindication of the Rights of Men*, A letter to the Right Honourable Edmund Burke; occasioned by his Reflections on the Revolution in France In *A Vindication of the Rights of Men and A Vindication of the Rights of Woman*. TOMASELLI, Silvana (Org.) Cambridge: Cambridge University Press, 1995, Wollstonecraft debate com Edmund Burke a partir da carta deste ao Reverendo Price, no texto onde teceu suas Reflexions on the Revolution in France, e dentre outros temas diz discordar dos termos em que Burke considera a propriedade (dos ricos) um pressuposto da liberdade Inglesa e não considerar que a classe trabalhadora gasta todo seu tempo no próprio sustento, sem ter tempo para cultivar suas mentes, e por saudar a independência americana e nela considerar ser a escravidão algo eterno, p. 13-15.

a se sujeitarem ao tempo e ao ritmo do trabalho fabril, dando ensejo a debates e teorias que reduzem o homem, em especial o pobre que vive do trabalho de suas mãos, à condição biológica igualando-o à espécie animal. Foi Towshend que, lançando mão da fábula dos cães e das cabras deixados numa ilha, livres de qualquer “governo” que os impedissem de dar livre curso às suas necessidades primárias, demonstrou a inutilidade dos dispositivos legais perante aquilo que consistia no mais eficiente e silencioso estímulo ao trabalho, o aguilhão da fome. Como sublinhou, a fome substituía com êxito o chicote do trabalho compulsório para assegurar ritmo, assiduidade e disciplina.⁹⁶

Quatro décadas depois, Carlyle retoma pressupostos semelhantes aos de Burke em suas críticas a Jeremy Bentham e a John Stuart Mill. Considera-os descendentes diretos de Locke e de sua concepção mecanicista de sociedade, e lhes atribui parcela substancial de responsabilidade pela infiltração dos princípios da mecânica no mais recôndito do ser humano. “Para os olhos de um Smith, de um Hume ou de um Benjamin Constant tudo está bem quando funciona silenciosamente”, sentencia ele. A referência ao silêncio tinha explícita conotação política de crítica aos que como Towshend acreditavam nos imperativos da existência material enquanto elementos suficientes para a vida humana. Para Carlyle, a ética do contrato social de inspiração mecanicista pouco se referenciava em “valores morais”, essas ideias dos homens em busca da perfeição, que para ele consistiam a “alma política do corpo político” e não podiam ser desconsideradas, sob pena de renascerem em movimentos conflituosos e ameaçadores à sociedade. Neste ponto, as afinidades entre Carlyle e Burke explodem na crítica irônica à primazia do vínculo monetário na organização da sociedade. A concepção de direitos do homem em Carlyle refere-se antes a profundos ideais, ao mesmo tempo intangíveis e possíveis, de que “neste mundo, nada de injusto deve permanecer”.⁹⁷ Entretanto, para Carlyle, a despeito da noção de justiça ser eterna, não se refere sempre às mesmas práticas consideradas direitos adquiridos: sendo histórica, aquilo que, numa determinada época seria justo deixa de sê-lo em outro momento, devendo portanto ser banido do elenco dos direitos de alguém.

Críticas semelhantes encontram em Charles Dickens uma forma literária de amarga ironia. Em seu observatório, o personagem Sr. Gradgrind reduz todos os dados sensíveis e fatos bem documentados a cifras; nada escapa ao moinho lógico de sua crença na verdade indiscutível dos números; a estatística é para ele a melhor

96 POLANYI, Karl. (1944) *A Grande Transformação*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 1980, cap. 10 – A Economia Política e a Descoberta da Sociedade (p.137-157), p. 139.

97 CARLYLE, Thomas. *Works*. Vol. 4, Apud WILLIAMS, Raymond *Culture & Society*. Op. cit., p. 80.

forma de conhecimento, objetiva. Do sistema de organização social de *Coketown* ninguém escapa; lá a vida significa uma perpétua movimentação que à semelhança de um mecanismo deve dispor de engrenagens perfeitas e rejeitar as defeituosas e gastas. Eram tempos difíceis, para pessoas que como Carlyle e Dickens possuísem fé inquebrantável no poder do intelecto bem formado e na força de liderança dos homens cultos com sua luz esclarecedora dos intelectos mais brutos da parcela ignorante da humanidade. Partilhavam com John Stuart Mill a opinião, que de resto coincidia com a da maioria dos vitorianos cultos, sobre a incompleta moralidade e racionalidade imperfeita do trabalhador manual.

A discordância entre Carlyle e Mill dizia respeito a forma democrática de governo, em especial, quanto à adoção do sufrágio universal masculino como alternativa para evitar um futuro e previsto confronto violento entre assalariados e patrões. Negando ao homem pobre a capacidade de orientação própria, Carlyle via nas comições populares a expressão da insanidade a tomar conta de pessoas rebaixadas pela “lei da oferta e da procura”, que as privava do trabalho e das condições de subsistência, ao nível da animalidade. Se como acreditava, “Trabalhar é a missão do homem nesta terra”, aliás, preceito bíblico e também primeiro pressuposto do contrato em Locke, a sociedade de seu país se mantinha sobre uma grande “injustiça”, já que a “Lei da Inglaterra ia contra a Lei da Natureza”. Aos pobres que se tornavam miseráveis, fora da morte por inanição ou a revolta cega, nenhuma esperança restava. Sem luzes, expressavam seu descontentamento com “urros, gritos indistintos de uma criatura emudecida pelo ódio e pela dor”.⁹⁸

Para Carlyle, os gritos da multidão podiam ser traduzidos também em precés, em pedidos não claramente formulados de socorro: “Guiem-me, governem-me! Sou louca e miserável, não posso guiar a mim mesma!” E daí sua conclusão de que “de todos os direitos do homem, o direito do ignorante a ser guiado pelo mais sábio, de ser mantido no caminho verdadeiro pelo bem ou pela força, constituir o direito mais nobre”. Proclamava “o dever do ignorante ser guiado pelo mais sábio”. Estava inscrito na própria natureza da sociedade essa ânsia pela perfeição e ela conferia à palavra liberdade seu sentido mais profundo.⁹⁹ Daí ter visto na Nova Lei dos Pobres de 1836 a vitória do *self-help* (autoajuda) e da pura repressão ao homem pobre desempregado e ao miserável, e no desinteresse da burguesia inglesa pela condição operária no

98 CARLYLE, Thomas. *Works*. Vol. 4, Apud WILLIAMS, Raymond *Culture & Society*. *Op. cit.*, p. 80.

99 CARLYLE, Thomas. *Works*. Vol. 4, Apud WILLIAMS, Raymond *Culture & Society*. *Op. cit.*, p. 80.

país, um desvio do olhar, uma forma de cegueira mais sofisticada, para não ter que enfrentar a imagem da criatura monstruosa que ela mesma fabricara. Aplicava-se uma alternativa do Laissez-faire que tanto servia para os ratos como para os pobres: eliminá-los pela morte ou, no caso dos pobres, havia ainda outra possibilidade, subtraí-los da vista encarcerando-os nas Casas do Trabalho, “as bastilhas dos pobres”. A burguesia optara pela solução a que estava acostumada: pagar para que outros cuidassem dos trãnsfugas sociais e os mantivessem afastados dos seus negócios, dos seus lares. A certeza da insuficiência desta estratégia só chega à burguesia no decurso da segunda metade do século, momento em que fica estabelecida em cifras a relação direta entre a produção da riqueza na sociedade industrial e a presença de um resíduo humano, subproduto ele também das condições de trabalho nas fábricas, minas e armazéns. E será Londres, ainda uma vez, que apresentará a figura mais acabada do homem degradado em sua moral e degenerado biologicamente, sem lugar no mundo burguês. A pobreza atingia, finalmente, para a sensibilidade do século XIX, sua plena dimensão econômica.¹⁰⁰

Referências

- ARENDDT, Hannah. (1958) *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1981.
- BÉGUIN, François. Les machineries anglaises du confort. L'haleine des fauxbourgs, Ville, Habitat et Santé au XIXe siècle (Murard e Zilberman, Org.) *Recherches* n. 29, 1977; versão brasileira As maquinarias inglesas do conforto. Trad. Jaime Hajime Ozeki, revisão Suzana Pasternak. *Espaço & Debates* n.34 – Cidade e História. São Paulo: NERU, 1991, p. 39-54.
- BENÉVOLO, Leonardo. (1961) *História da Arquitetura Moderna*. Trad. Silvia Mazzza. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BÉNICHOU, Paul. *Les Temps des Prophètes*. Paris: Gallimard, 1977.
- BENJAMIN, Walter. Paris, Capitale du XIXe siècle. In Oeuvres II. Poésie et Révolution. Paris: Denoël, 1971; tradução brasileira: Paris, capital do século XIX. *Walter Benjamin* (Flávio Kothe, organização e tradução), São Paulo: Ática, 1985.
- BRAVO, Gian Mario. Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporaines, 1803. In *Les socialistes avant Marx*. Vol.1. Paris: Maspero, 1970.
- BRIGGS, Asa. *Victorian People*. Harmondsworth-UK: Penguin, 1980.

100 JONES, Gareth Stedman. *Outcast London*. Op. cit., cap. 16 From 'Demoralization' to 'Degeneration': the Threat of Outcast London, p. 281-314.

- BURET, Eugène. *La misère des classes laborieuses en Angleterre et en France*. 2 vols., Paris: Chez Paulin, Libraire, 1840 (edição fac símile).
- BURKE, Edmund. A Philosophical Inquiry into the Origins of our Ideas of The Sublime and Beautiful. In *The Works of Edmund Burke*. Vol.I, Londres : G . Bell & Sons, Ltd., 1913, p49-181.
- BURKE, Edmund. "Reflections on the Revolution in France". Apud WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. New York: Harper & Row, 1966.
- BURKE, Edmund. (1790) *Reflections on the Revolution in France*. Penguin Classics Harmondsworth, 1986.
- CARLYLE, Thomas. (1829) Signs of the Times In *Thomas Carlyle – Selected Writings*. Harmondsworth-UK: Penguin, 1980.
- CARLYLE, Thomas. (1839) Chartism. In *Thomas Carlyle – Selected Writings*. Harmondsworth-UK: Penguin, 1980.
- CARLYLE, Thomas. (1843) Past and Present. In *Thomas Carlyle – Selected Writings*. Harmondsworth-UK: Penguin, 1980.
- CARLYLE, Thomas. *Works*. Vol. 4. Apud WILLIAMS, Raymond *Culture & Society*.
- CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris: Pluriel, 1978.
- CHOAY, Françoise. *L'Urbanisme. Utopies et Réalités*. Paris: Seuil, 1965; edição brasileira *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma antologia*. Trad. Dafne Nascimento Rodrigues. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- CHOAY, Françoise. (1980) *A regra de o modelo. Sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo: Perspectiva, 1985.
- COBBETT, William. Political Register, 15.03.1806; 28.02.1807. In WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. New York: Harper & Row, 1966.
- DICKENS, Charles. (1854) *Hard Times*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1982.
- EMERSON, Ralph Waldo. *Journals and Miscellaneous Notebooks*. 1819-1888. *The City: a Dictionary of Quotable Thoughts on Cities and Urban Life*. James A. CLAPP (Org.). New Brunswick(USA)-Londres(UK): Transaction Publishers. 2013.
- FOURIER, Charles. (1822) *Traité de l'association domestique agricole (1822)*. In *Oeuvres Complètes*. 12 volumes (org. Simone Debout) Paris: Anthropos, 1967-1968, Apud *Villes & Civilisation Urbaine XVIIIe – XXe siècle*. RONCAYOLO, Marcel, PAQUOT, Thierry (Org.), Paris: Larousse, 1992, p. 68-69.
- HOBBSAWM, Eric. (1975) *A Era do Capital (1848-1875)*. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

- JONES, Gareth Stedman. *Outcast London*. Harmondsworth: Penguin, 1976.
- JONES, Gareth Stedman. *Outcast London*. Harmondsworth: Penguin, 1976.
- LE GOFF, Jacques. *Pour un autre Moyen Age: temps, travail et culture en Occident*. Paris: Gallimard, 1977.
- MARX, Karl. (1859) Formaciones Economicas Precapitalistas. Córdoba: *Cuadernos Pasado y Presente*, nº 20, 1974.
- MARX, Karl. (1867) *Le Capital*. Critique de l'économie politique. Trad. Joseph Roy, Paris : Editions Sociales, 1976.
- MAYHEW, Henry. (1851;1861) *London labour and the London poor*. New York: Dover, 1968, 4 v.
- MERCIER, Louis Sébastian. (1782-1783) *Le Tableau de Paris*, Paris: Maspero, 1979.
- MICHELET, Jules. (1846) *Le Peuple*. Paris: Flammarion, 1974 (1846)
- POE, Edgar Alan. (1840) O homem da multidão. In *Poesia e Prosa*, vol. 2. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Porto Alegre: Globo, 1944.
- POLANYI, Karl. (1944) *A grande transformação*. As origens de nossa época. Trad. Fanny Wrobel, revisão técnica Ricardo Benzaquen de Araújo. Rio de Janeiro: Ed. Campus Ltda., 1980.
- ROMANO, Roberto. *O conservadorismo Romântico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SAINT SIMON. (1803) *Lettres d'un habitant de Genève à ses contemporaines*, 1803. Apud BRAVO, Gian Mario. *Les socialistes avant Marx*. Paris: Maspero, vol. 1.
- SCHORSKE, Carl E. (1981) *Viena fin-de-siècle*. Política e Cultura (tradução Denise Bottmann). São Paulo: Ed. Unicamp/Companhia das Letras, 1988.
- SMITH, Adam. (1776) *A riqueza das nações*. Trad. Luiz João Baraúna. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- STORCH, Robert. The Plague of the Blue Locusts: Police Reform and Popular Resistance in Northern England, 1840-1857. *International Review of Social History*, Vol.XX, 1975.
- TAINÉ, Hippolyte. (1871). *Notes sur l'Angleterre*. 5ª edição revista e corrigida. Paris: Hachette, 1876.
- TAYLOR, Nicolas. The Awful Sublimity of the Victorian City. In: DYOS, H.J.; WOLFF, Michael. *The Victorian City*. Images and Realities. Vol.2. London; Boston: Routledge and Kegan Paul, 1973, p. 431-447.
- THOMPSON, Edward P. (1963) *La formación histórica de la clase obrera*. Trad. Angel Abad. Barcelona: Laia, 1977.

- THOMPSON, Edward P. (1967) *Tiempo, Disciplina de Trabajo y Capitalismo Industrial*. In: *Tradicón, Revuelta y Consciencia de Clase*. Trad. Angel Abad. Barcelona, Crítica, 1979.
- TRISTAN, Flora (1840); BÉDARIDA, François. *Promenades dans Londres ou l'aristocratie et les proletaires anglais*. Paris: F. Maspero, 1978.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society*. New York: Harper & Row, 1966.
- WILLIAMS, Raymond. (1973) *O campo e a cidade na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WORDSWORTH, Lethaby. (1801) *The Prelude*. Book seventh. Residence in London in *The Complete Poetical Works*. Londres: Macmillan and Co., 1888. 1999, p. 150. www.bartleby.com/145/.
- ZOLA, Émile. *Travail*. Les quatre évangiles. 2 vols. Paris: Eugène Fasquelle, Éditeur, 1921;1923.